

**Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro**  
**Programa de Pós-graduação de Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura**  
**e Sociedade (CPDA)**



**Relatório com as principais notícias divulgadas pela mídia relacionadas com a**  
**agricultura**

**Área Temática: Negociações Internacionais**

**Período de Análise: 01/03/2016 a 31/03/2016**

Mídias analisadas:

Jornal Valor Econômico  
Jornal O Globo  
Jornal Estado de São Paulo  
Sítio eletrônico do MDS  
Sítio eletrônico do MDA  
Sítio Eletrônico do MMA  
Sítio eletrônico do INCRA  
Sítio eletrônico da CONAB  
Sítio eletrônico do MAPA  
Sítio eletrônico da Agência Carta Maior  
Sítio Eletrônico da Fetraf  
Sítio Eletrônico da MST  
Sítio Eletrônico da Contag  
Sítio Eletrônico da CNA  
Sítio Eletrônico da CPT  
Carta Capital

**Estagiária:** Ananda da Silveira, Daniele Rocha e Marielle Mattos

## Índice

<b>Brasil colabora internacionalmente para promoção da agricultura familiar.</b> Mateus Zimmermann – Site do MDA. 01/03/2016.....	6
<b>Exportações de frutas poderão atingir US\$ 1 bi por ano até 2018 – Valor Econômico.</b> 01/03/2016.....	7
<b>Japoneses visitam produção de biodiesel, açaí e outras frutas no Tocantins.</b> Viviane Novaes – Site do MAPA. 01/03/2016.....	8
<b>USDA apresenta números da pecuária americana e projeções para 2016 – Site da CNA.</b> 01/03/2016.....	9
<b>Acordo cachaça-tequila, entre Brasil e México, vai proteger aguardentes contra a concorrência desleal – Site da CNA.</b> 01/03/2016.....	11
<b>Exportações brasileiras de frutas devem atingir US\$ 1 bilhão até 2018 – Site da CNA.</b> 01/03/2016.....	12
<b>Embarque de milho continuou aquecido em fevereiro.</b> Fernando Lopes – Valor Econômico. 02/03/2016.....	13
<b>Ministra pede ao Congresso maior atuação em acordos comerciais internacionais.</b> Priscilla Mendes – Site do MAPA. 03/03/2016.....	14
<b>Russos conhecem sistema brasileiro de controle de grãos e farelo de soja.</b> Cláudia Lafetá – Site do MAPA. 03/03/2016.....	16
<b>Fundo da ONU busca ampliar suas parcerias no país.</b> Camila Souza Ramos – Valor Econômico. 03/03/2016.....	17
<b>Exportação de carne bovina dispara.</b> Luiz Henrique Mendes – Valor Econômico. 03/03/2016.....	18
<b>Queda na receita dos embarques de frango.</b> Luiz Henrique Mendes – Valor Econômico. 03/03/2016.....	20
<b>Exportações do agronegócio crescem quase 37% em fevereiro – Site do MAPA.</b> 07/03/2016.....	20
<b>CNA participa de Conferência Internacional sobre Agropecuária – Site do CNA.</b> 07/03/2016.....	23
<b>Pecuária de Mato Grosso é destaque no Cattlemen’s Day nos Estados Unidos – Site do CNA.</b> 08/03/2016.....	23
<b>Exportações para a China quase dobram em fevereiro.</b> João Carlos Rodrigues – Site do MAPA. 08/03/2016.....	26
<b>Reação expressiva nas exportações do campo.</b> Fernando Lopes – Valor Econômico. 08/03/2016.....	28

<b>Cargill planeja reduzir em 20% uso de antibióticos em bovinos nos EUA</b> – Valor Econômico. 09/03/2016.....	29
<b>Brasil participa da Conferência Mundial do Café na Etiópia.</b> Inez De Podestà – Site do MAPA. 09/03/2016. ....	29
<b>Meril, da Sanofi, investe € 9 milhões no país.</b> Luiz Henrique Mendes – Valor Econômico. 22/03/2016.....	30
<b>Câmbio e exportação ajudam Minerva.</b> Luiz Henrique Mendes – Valor Econômico. 09/03/2016.....	32
<b>Brasil representa América Latina em Fórum Global de Extensão Rural</b> – Site do MDA. 10/03/2016.....	33
<b>Kátia Abreu: Brasil precisa agregar valor às exportações de soja.</b> Priscilla Mendes e Viviane Novaes – Site do MAPA. 10/03/2016. ....	34
<b>USDA confirma cenário de estoque 'folgado' de grãos.</b> Mariana Caetano, Fernanda Pressinott e Fabiana Batista – Valor Econômico. 10/03/2016. ....	36
<b>Ministério da Agricultura trabalha em MP para permitir CRA em dólar.</b> Cristiano Zaia – Valor Econômico. 10/03/2016. ....	37
<b>CNA, Embaixada Britânica e Embrapa lançam estudo inédito sobre pegada hídrica das cadeias produtivas de leite e carne</b> – Site da CNA. 10/03/2016. ....	39
<b>USDA confirma cenário de estoque 'folgado' de grãos.</b> Mariana Caetano, Fernanda Pressinott e Fabiana Batista – Valor Econômico. 10/03/2016. ....	40
<b>Conab quer promover intercâmbio do Brasil com a Espanha para melhorar mercado de frutas e verduras</b> – Site da CONAB. 10/03/2016.....	41
<b>Receita com embarques de café caiu 23,1%.</b> Fernanda Pressinott – Valor Econômico. 11/03/2016.....	42
<b>Brasil e EUA negociam abertura do mercado de carne bovina.</b> Inez De Podestà – Site do MAPA. 11/03/2016. ....	43
<b>Programa Terra Legal em debate na Conferência do Banco Mundial</b> – Site do MDA. 14/03/2016.....	44
<b>Agricultura Familiar brasileira na África do Sul.</b> Adolfo Brito – Site do MDA. 14/03/2016.....	46
<b>Avança negociação de carne suína brasileira para a Coreia do Sul.</b> Inez De Podestà – Site do MAPA. 14/03/2016. ....	47
<b>Radicado em Goiás, grupo neozelandês tem forte avanço.</b> Alda do Amaral Rocha – Valor Econômico. 14/03/2016.....	48
<b>Catar suspende embargo à carne bovina brasileira.</b> Fernando Lopes – Valor Econômico. 15/03/2016.....	49
<b>Sistema FARSUL divulga levantamento das exportações de fevereiro</b> – Site da CNA. 15/03/2016.....	50

<b>Catar anuncia fim ao embargo à carne bovina brasileira.</b> Viviane Novaes – Site do MAPA. 15/03/2016. ....	50
<b>Embarques de café torrado e moído mantêm crescimento.</b> Inez De Podestà – Site do MAPA. 15/03/2016. ....	51
<b>Cota adicional pode elevar exportações de açúcar brasileiro ao mercado norte-americano.</b> João Carlos Rodrigues – Site do MAPA. 16/03/2016. ....	52
<b>Exportação de soja cairá 10%, diz indústria.</b> Fernando Lopes – Valor Econômico. 16/03/2016. ....	53
<b>OIE aceita pedido de reconhecimento internacional de laboratório do ministério.</b> Cláudia Lafetá – Site do MAPA. 16/03/2016. ....	54
<b>EUA e derivativos levam JBS ao prejuízo no 4º tri.</b> Luiz Henrique Mendes – Valor Econômico. 17/03/2016. ....	55
<b>Ministra discute com produtores aumento da exportação e sanidade das frutas.</b> Priscilla Mendes – Site do MAPA. 17/03/2016. ....	56
<b>Alíquota zero do imposto de importação para produtos à base de cacau abre oportunidades para o Brasil.</b> Viviane Novaes – Site do MAPA. 17/03/2016. ....	57
<b>Salto do dólar ante o euro preocupa exportador de suco.</b> Fernando Lopes – Valor Econômico. 18/03/2016. ....	58
<b>Exportações de carnes são recorde.</b> Lauro Veiga Filho – Valor Econômico. 18/03/2016. ....	60
<b>Exportadores pedem agilidade na fiscalização de frutas enviadas para o mercado internacional</b> – Site da CNA. 18/03/2016. ....	62
<b>Preço internacional do salmão dispara com crise no Chile.</b> Emiko Terazono – Valor Econômico. 21/03/2016. ....	63
<b>Brasil se queixa, na OMC, de travas da UE e da Nigéria a carnes.</b> Assis Moreira – Valor Econômico. 22/03/2016. ....	64
<b>Agricultura familiar brasileira é referência para o Mercosul.</b> Flávia Dias – Site do MDA. 23/03;2016. ....	65
<b>Americanos buscam ampliar exportações de alimentos a Cuba.</b> Shawn Donnan – Valor Econômico. 23/03/2016. ....	67
<b>Brasil e Ucrânia estreitam relações comerciais.</b> Cláudia Lafetá – Site do MAPA. 23/03/2016. ....	68
<b>EUA podem barrar compra da Syngenta por chineses.</b> Jacob Bunge – Valor Econômico. 24/03/2016. ....	70
<b>País questiona na OMC barreiras à exportação de carnes para Nigéria e União Europeia.</b> Priscilla Mendes – Site do MAPA. 24/03/2016. ....	72
<b>Frigoríficos ampliam importações de milho.</b> Luiz Henrique Mendes – Valor Econômico. 28/03/2016. ....	74

<b>GT Foods importa 90 mil toneladas de milho.</b> Luiz Henrique Mendes – Valor Econômico. 29/03/2016.....	75
<b>Argentina volta a capitanear exportação de trigo ao Brasil.</b> Fabiana Batista – Valor Econômico. 29/03/2016.....	76
<b>China desmonta política de estocagem de milho.</b> Lucy Hornby – Valor Econômico. 30/03/2016.....	78
<b>Kátia Abreu propõe isenção de PIS/COFINS para importação de milho.</b> Ana Carolina Oliveira – Site do MAPA. 30/03/2016. ....	80
<b>ADM anuncia venda de sua usina de etanol no Brasil.</b> Fabiana Batista – Valor Econômico. 31/03/2016.....	81
<b>Kátia propõe isenção de PIS/Cofins para a importação de milho.</b> Cristiano Zaia – Valor Econômico. 31/03/2016.....	82

## **Brasil colabora internacionalmente para promoção da agricultura familiar. Mateus Zimmermann – Site do MDA. 01/03/2016.**

Para contribuir com as ações de desenvolvimento da agricultura familiar nas Américas Latina e no Caribe, o ministro do Desenvolvimento Agrário (MDA), Patrus Ananias, participa nesta terça (1) e quarta-feira (2), na Cidade do México, da 34ª Conferência Regional da Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO) para América Latina e Caribe.

Hoje, em encontro com o diretor-geral da FAO, José Graziano, o ministro Patrus ressaltou o papel central da agricultura familiar para a garantia de segurança alimentar. “Buscamos cada vez mais parcerias com a FAO, no sentido de estarmos contribuindo, cada vez mais, para a segurança alimentar do povo brasileiro. Falamos também do grande projeto que temos com relação ao simpósio internacional da terra, onde queremos a participação efetiva da FAO e a presença do José Graziano”.

Além de convidar o diretor da FAO para o simpósio internacional, que o MDA organiza para o segundo semestre deste ano, o ministro também apresentou as duas principais metas do MDA: assentar todas as famílias acampadas e apoiar o desenvolvimento da agricultura familiar, com o fortalecimento do cooperativismo e da produção orgânica e sustentável.

Na quarta-feira (2), o ministro participa do segundo painel do dia ‘Desafios para a transformação do setor rural na América Latina e Caribe: desenvolvimento territorial rural, agricultura familiar, inclusão social e econômica’.

Para a chefe da Assessoria Internacional do MDA, Cristina Timponi, a participação do Brasil, em espaços como a 34ª Conferência da FAO, reafirma o papel de liderança regional no combate à fome e na garantia de segurança alimentar. “No tema da agricultura familiar, o Brasil, via políticas do MDA, sempre desempenhou um papel de líder. Essas políticas são vistas pelos outros países como um modelo exitoso de política pública para o fortalecimento da agricultura familiar e também como garantia de segurança alimentar”.

### **A Conferência Regional**

Realizada a cada dois anos, a Conferência Regional da FAO é uma reunião de alto nível que reúne os ministros da agricultura e do desenvolvimento agrário e outras autoridades

dos países das Américas e Caribe para promover a troca de experiências e articulação entre os gestores da região.

Na conferência, além da reunião plenária com as autoridades dos países presentes, será realizada Reunião Ministerial com a presença dos ministros dos países da região. Para a etapa Ministerial, estão previstos quatro painéis de debate, com destaque para: ‘Desafios e Perspectivas para a Segurança Alimentar e Nutricional na América Latina e Caribe: dos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio (ODM) até os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS)’ e ‘Desafios para o Setor Rural na América Latina e Caribe: Desenvolvimento Territorial Rural, Agricultura Familiar, Inclusão Social e Econômica e Inovação’.

Outro ponto de discussão, importante dentro da Conferência, é a consolidação de uma agenda comum dos países participantes para o biênio. Além dos ministros dos Estados membros - Antígua e Barbuda, Argentina, Bahamas, Barbados, Belize, Bolívia, Brasil, Chile, Colômbia, Costa Rica, Cuba, Dominica, Equador, El Salvador, Granada, Guatemala, Guiana, Haiti, Honduras, Jamaica, México, Nicarágua, Panamá, Paraguai, Peru, República Dominicana, Santa Lúcia, São Cristóvão e Nevis, São Vicente e Granadinas, Suriname, Trinidad e Tobago, Uruguai e Venezuela -, também participam da Conferência Regional representantes da sociedade civil e do setor privado, que são convidados como observadores para os debates.

---

### **Exportações de frutas poderão atingir US\$ 1 bi por ano até 2018 – Valor Econômico. 01/03/2016.**

As exportações de frutas do país poderão alcançar US\$ 1 bilhão por ano até 2018, afirmou hoje o presidente da Associação Brasileira de Produtores e Exportadores de Frutas e Derivados (Abrasfrutas), Luiz Roberto Barcelos, durante encontro com João Martins, presidente da Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA). Conforme destacou comunicado divulgado pela CNA, no ano passado os embarques renderam US\$ 735 milhões, 3,8% mais que em 2014.

CNA e Abrasfrutas realçaram que influencia positivamente o ritmo de crescimento das vendas externas de frutas a parceria firmada com a Agência Brasileira de Promoção de Exportações e Investimentos (Apex), que prevê investimentos totais de R\$ 4,2 milhões entre 2014 e 2016 na promoção e abertura de novos mercados para os produtos do país.

---

## **Japoneses visitam produção de biodiesel, açaí e outras frutas no Tocantins. Viviane Novaes – Site do MAPA. 01/03/2016.**

Empresários visitaram empreendimentos agrícolas e de infraestrutura

Uma delegação de 56 japoneses visitou, nesta terça-feira (01), empreendimentos agrícolas e de infraestrutura no município de Porto Nacional, região central de Tocantins. A excursão fez parte do "Diálogo Brasil-Japão – Intercâmbio Econômico e Comercial em Agricultura e Alimentos", realizado em Palmas, pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa), hoje e ontem.

A ministra Kátia Abreu acompanhou toda a viagem. Os japoneses experimentaram o suco de açaí – um dos produtos cultivados no Perímetro Irrigado São João. Trata-se de um projeto de irrigação do governo federal, implantado em 2004. A área de 5.100 hectares foi desapropriada e colocada à venda por licitação para pequenos, médios e grandes produtores. A ministra falou sobre o açaí. "Ele é um alimento funcional, um antioxidante que previne o envelhecimento. É dos produtos nativos do Brasil que nós pretendemos incrementar a exportação", disse. Em Porto Nacional, o açaí foi plantado em consórcio com culturas de ciclo mais rápido, como a pimenta e a mandioca.

O projeto São João é sobretudo de fruticultura. Além de açaí, cultiva manga, banana, mamão, coco. Kátia Abreu distribuiu aos japoneses rodela de abacaxi pérola – variedade que se destaca pelo alto teor de açúcar. A comitiva conheceu uma pequena propriedade do projeto, de 25 hectares, que cultiva banana. O consultor em produtos agrícolas e mercados Toru Yokota, que trabalha para uma agência governamental do Japão, se surpreendeu. "Eu só conhecia a agropecuária de Mato Grosso. Estou impressionado com a força agrícola do Matopiba."

Os japoneses também conheceram uma fábrica de processamento de soja e produção de biodiesel. A Granol Indústria, Comércio e Exportação esmaga 2 mil toneladas de soja por dia. Cerca de 80% viram farelo e 20% se transformam em biodiesel. A empresa é uma das maiores do setor no país. Além de Porto Nacional, tem unidades em Anápolis (GO), Bebedouro (SP), Osvaldo Cruz (SP) e Cachoeiro do Sul (RS).

A viagem terminou no Pátio Multimodal da Ferrovia Norte-Sul, que vai cortar o país de Açaílândia (MA) até Estrela do Oeste (SP). O trecho entre Açaílândia e Porto Nacional, de 722 Km, está em operação há quase de quatro anos. O pátio multimodal em Porto



Nacional possui dois terminais de grãos e farelo, além de três terminais de combustíveis – todos da iniciativa privada. O investimento foi de R\$ 750 milhões.

"Porto Nacional é a cidade que mais cresce na região. Precisamos criar oportunidades para trazer os empresários para cá. Estou muito entusiasmada, porque a agricultura não tem crise. É o único setor que está empregando no país", comentou Kátia Abreu.

---

### **USDA apresenta números da pecuária americana e projeções para 2016 – Site da CNA. 01/03/2016.**

Os membros da Missão Técnica da Federação da Agricultura e Pecuária de Mato Grosso (FAMATO) e Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (SENAR-MT) que estão em Washington DC visitaram, nesta segunda-feira, 29 de fevereiro, o Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA), entidade americana que corresponde ao Ministério da Agricultura no Brasil. O objetivo da visita foi conhecer os métodos de pecuária utilizados no país e as tecnologias do mercado da carne.

Os Estados Unidos são os maiores produtores mundiais de carne bovina e os maiores importadores também. A pecuária é uma atividade familiar nos EUA e segundo o Serviço de pesquisa Econômica 99% das propriedades americanas são gerenciadas pela família.

O serviço de pesquisas do país apontou em janeiro de 2016 que os EUA têm 92 milhões de cabeças de gados. O técnico de estatísticas de pecuária do USDA Michael Klamm disse que os gados em confinamento chegaram há 13,2 milhões de cabeças em janeiro desse ano. "A estatística é feita em confinamentos com mil ou mais cabeças de gado. Essa estatística representa 80,3% cabeças de todos os confinamentos dos EUA", explicou acrescentando que as estatísticas divulgadas em janeiro também apontam 9,3 milhões de gado leiteiro.

O meio-oeste americano é a região onde tem o maior rebanho de vacas de corte, justamente onde tem a maior produção de grãos e onde estão os confinamentos. Além disso, as áreas têm clima favorável de produção.

A economista do USDA Claire Mezoughem apresentou um gráfico com dados desde 1900 de primeiro de janeiro de cada ano. Até os anos 70, a produção e o tamanho do rebanho eram paralelas, na metade dos anos 70 o rebanho começou a cair, porém a produção de carne continuou crescendo. "O segredo está no peso dos machos e das

fêmeas. Mesmo com um rebanho menor produzimos mais carne e isso se dá em consequência do peso dos animais abatidos", explicou Claire.

Durante a reunião os produtores também questionaram sobre infraestrutura, tecnologias, políticas de crédito, projeções para este ano, exportações e ainda fizeram comparativos com o que é produzido no Brasil.

O analista de pecuária do USDA Dr. Tyler Cozzens apontou um crescimento de 3% no comércio internacional de exportação de carne bovina ainda para este ano.

A expectativa é um aumento de 1,3% na produção global de carne bovina, após a queda registrada em 2015, na comparação com 2014. Eles esperam que a produção seja de 59,2 milhões de toneladas equivalente carcaças, devido à expansão dos rebanhos dos principais produtores como Brasil, Índia e Estados Unidos.

A Índia deverá continuar a maior exportadora, com 2,17 milhões de toneladas, e o Brasil com 1,77 milhão de toneladas, com participações de 21,9% e a 17,8% respectivamente no comércio total.

O crescimento chega também para a carne de frango, com aumento de 2% e a carne suína segue praticamente inalterada.

Na avaliação do diretor de Relações Institucionais da Famato Rogério Romanini os números apresentados são surpreendentes e as projeções para exportação internacional de carne serão muito boas para o Brasil.

Quanto à produção dos EUA, Romanini disse que os produtores rurais americanos se sentem seguros para investir com tranquilidade na propriedade porque são amparados por programas que garantem sustentabilidade. "Além de garantirem a manutenção dos produtores na atividade pecuária, os programas governamentais ainda permitem que o sistema seja competitivo", ponderou.

Ainda nessa segunda-feira, os membros da Missão Técnica visitaram o Senado, o United States Capitol (prédio do Congresso Americano), a American Farm Bureau (AFBF), conhecida como a Farm Bureau, o que corresponde a CNA no Brasil. A Farm Bureau é uma organização sem fins lucrativos que tem o objetivo de trabalhar para melhorar e fortalecer a vida dos americanos rurais e para construir comunidades agrícolas fortes e prósperas.

Após um dia de visitas, no início da noite, a comitiva de produtores ainda participou de uma palestra sobre a economia mundial, na sala de convenções do Hotel Hilton Garden Inn. A palestra foi ministrada pelo vice-presidente global de investimentos da J.P.Morgan Frederico Cilento e pelo diretor Márcio Silva.

---

### **Acordo cachaça-tequila, entre Brasil e México, vai proteger aguardentes contra a concorrência desleal – Site da CNA. 01/03/2016.**

São várias as versões existentes sobre a origem da cachaça. Alguns historiadores dizem que foram os portugueses que trouxeram da Ilha da Madeira a cana-de-açúcar e as técnicas de destilação. Outros apontam que a primeira cachaça foi destilada por volta de 1532 em São Vicente (SP), onde surgiram os primeiros engenhos de açúcar no Brasil. O fato é que a cachaça acompanhou a história do Brasil desde o seu início, passando pelo ciclo do açúcar, pelo crescimento das fronteiras territoriais e chegando até a urbanização do país. Mas, apesar de ser patrimônio brasileiro, o nome cachaça é utilizado em vários países para vender outras bebidas, criando concorrência desleal.

Atualmente a bebida é protegida, com reconhecimento de indicação geográfica, apenas nos Estados Unidos e Colômbia. Enquanto a tequila é protegida em mais de 46 países, incluindo na União Europeia. Com o acordo, o México passa a ser o terceiro país a reconhecer a cachaça como um destilado exclusivo do Brasil. “A Câmara Setorial da Cachaça do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA), na qual a Confederação de Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA) é membro, vem trabalhando para expansão do reconhecimento mundial da bebida. Dessa forma, abrindo novos mercados e expandindo sua exportação”, observa o assessor técnico da Comissão Nacional da Cana-de-Açúcar da CNA, Rogério Avellar.

As negociações entre os governos do Brasil e do México estavam em andamento há alguns anos, mas foi a partir de junho de 2014, com a renovação de um convênio firmado entre o Instituto Brasileiro da Cachaça (IBRAC) e o Conselho Regulador de Tequila (CRT), que a movimentação em torno do processo de reconhecimento recíproco recebeu maior atenção do Governo. Na segunda-feira, 22/02, o processo de negociação do Acordo para o Reconhecimento Mútuo da Cachaça e da Tequila como Indicações Geográficas e Produtos Distintivos do Brasil e do México foi firmado. Para a presidente do Conselho Deliberativo do Instituto Brasileiro da Cachaça (IBRAC),

Cristiano Lamêgo, a conclusão do processo de reconhecimento mútuo é um momento histórico para a aguardente brasileira e acontece quando a bebida está prestes a completar 500 anos.

Números - As exportações de cachaça atualmente estão aquém do potencial de mercado e estima-se que apenas 1% do volume produzido é exportado. Em 2015, as exportações da bebida ao México totalizaram apenas US\$ 65 mil, com 40 mil litros. Em contrapartida, o valor das exportações da tequila ao Brasil alcançou a cifra de US\$ 8 milhões, com 1,3 milhões de litros.

---

### **Exportações brasileiras de frutas devem atingir US\$ 1 bilhão até 2018 – Site da CNA. 01/03/2016.**

As exportações brasileiras de frutas podem atingir, até 2018, US\$ 1 bilhão, com crescimento anual médio de 3,5%, segundo informou, nesta terça-feira (01/03), o presidente da Associação Brasileira de Produtores e Exportadores de Frutas e Derivados (Abrafrutas), Luiz Roberto Barcelos, durante encontro com o presidente da Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA), João Martins. Mesmo com as dificuldades conjunturais enfrentadas pela economia brasileira, disse Roberto Barcelos, as vendas externas de frutas apresentaram bom desempenho no ano passado: receita de US\$ 735 milhões e crescimento de 3,8% em comparação com 2014 (US\$ 708 milhões).

O presidente João Martins destacou a relevância da parceria entre a CNA e a Abrafrutas, que comemora neste mês dois anos de existência. Para o presidente da Associação, a atuação conjunta permitiu a valorizar e o fortalecer o segmento com o trabalho adicional da Comissão Nacional de Fruticultura da CNA. Um dos resultados mais importantes da parceria, afirmou Luiz Roberto Barcelos, foi o projeto de promoção das exportações de frutas firmado com Agência Brasileira de Promoção de Exportações e Investimentos (Apex), com recursos no valor de R\$ 4,2 milhões a serem aplicados no período 2014/2016, visando promover a abertura de novos mercados externos para a fruta brasileira.

Outra ação conjunta entre a CNA e Abrafrutas, de grande importância para o setor, foi a criação do Programa Nacional de Combate a Mosca-das-Frutas, lançado no ano passado. O objetivo estratégico é o de monitorar, controlar e erradicar as principais espécies de mosca-das-frutas que têm provocado sérios prejuízos ao produtor. No total, serão

investidos, por meio do programa, R\$ 128 milhões, até 2018. Com esse investimento, a Abrafrutas espera aumentar a qualidade da fruta brasileira e, em consequência, estimular o consumo tanto interno quanto externo.

Controle de pragas - A CNA e Abrafrutas trabalham também na criação de um Centro de Controle Biológico da chamada MOSCASUL (*Anastrepha Fraterculus*). Os recursos financeiros necessários para o início do projeto já foram liberados pela Secretaria de Desenvolvimento Agropecuário e Cooperativismo, órgão subordinado ao MAPA. O Centro de Controle Biológico iniciou suas atividades sob a coordenação da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa Uva e Vinho).

Em documento entregue pelo presidente da Abrafrutas a João Martins, foi destacado ainda a parceria com a CNA no encaminhamento de soluções para a crise hídrica ocorrida no Vale do São Francisco, onde a falta de chuvas ameaçou inviabilizar a produção de frutas na área. A solução foi encontrada com a participação do Ministério da Integração a partir do uso de bombas flutuantes que bombearam água do meio do reservatório até as estações de bombeamento dos perímetros.

Outra ação importante, sempre com a colaboração da CNA, foi o lançamento da marca “Frutas do Brasil – Gifted by the Sun”, marca setorial da Abrafrutas voltada para o mercado externo. A Abrafrutas e a CNA conseguiram, quando da renovação do Sistema Geral de Preferência (SGP), dos Estados Unidos, a manutenção das frutas frescas brasileiras entre os produtos beneficiados. Em consequência dessa ação, houve redução tarifária para as exportações brasileiras de melão, papaya, manga, citrus e limão, para aquele país.

---

### **Embarque de milho continuou aquecido em fevereiro. Fernando Lopes – Valor Econômico. 02/03/2016.**

Ainda que tenha sido superado pela soja depois de liderar as exportações brasileiras de grãos desde setembro, o milho voltou a ser um dos principais destaques da balança comercial do país em fevereiro.

Levantamento da Associação Nacional dos Exportadores de Cereais (Anec) mostrou que, no mês passado, os embarques do cereal alcançaram 2,2 milhões de toneladas, 180% mais que em fevereiro de 2015, embalados pela desvalorização do real. No primeiro bimestre,

o volume chegou a 6,7 milhões de toneladas, 140,7% acima de igual período do ano passado.

Já as exportações de soja, carro-chefe do agronegócio, cresceram 53% em fevereiro, para 3,9 milhões de toneladas, e atingiram 4,4 milhões no primeiro bimestre, alta de 64,6%. Os números da Anec são baseados nos volumes que efetivamente deixaram os portos e diferem das estatísticas da Secex, que faz seus cálculos após receber todas as documentações referentes às vendas. Segundo a Secex, o volume de milho em fevereiro foi ainda maior: 5,4 milhões de toneladas.

É normal que as exportações de soja comecem a aumentar enquanto diminuem as de milho. Colhida na safra de verão, a oleaginosa parte dos portos sobretudo entre fevereiro e setembro, ao passo que o cereal, produzido na "safrinha", enche os navios principalmente de setembro a fevereiro.

Mas, mesmo que tenham sido 51,7% menores que os de janeiro, os volumes de milho embarcados em fevereiro foram surpreendentes. E isso graças ao ganho de competitividade advindo da valorização do dólar sobre o real, que criou uma demanda externa adicional que inclusive ajudou a encarecer o produto no mercado doméstico.

Conforme a Anec, se a colheita das safras de verão e inverno de milho de fato totalizar 82 milhões de toneladas neste ciclo 2015/16, os embarques poderão chegar a 30 milhões de toneladas. O recorde atual é de 2014/15 (30,9 milhões).

---

### **Ministra pede ao Congresso maior atuação em acordos comerciais internacionais.**

**Priscilla Mendes – Site do MAPA. 03/03/2016.**

Kátia Abreu apresentou a senadores o potencial de exportação do agronegócio brasileiro

Em audiência na Comissão de Agricultura e Reforma Agrária do Senado nesta quinta-feira (3), a ministra Kátia Abreu (Agricultura, Pecuária e Abastecimento) pediu que os parlamentares tenham maior atuação na negociação de acordos comerciais internacionais.

Ela apresentou aos senadores o potencial de crescimento das exportações do agronegócio brasileiro. Os secretários do Mapa também apresentaram o trabalho do ministério em áreas como defesa agropecuária, política agrícola e gestão pública.

A ministra explicou aos senadores que, ao Ministério da Agricultura, cabe negociar acordos que visam a harmonizar regras e facilitar procedimentos sanitários e fitossanitários, sem envolver tarifas ou cotas comerciais.

As negociações do Mapa concluídas em 2015, destacou, representaram potencial anual de US\$ 1,9 bilhão em exportações e, para 2016, a expectativa é ainda maior: US\$ 2,5 bilhões.

Mas para que o comércio exterior brasileiro continue se expandindo, afirmou, é preciso ir além dos acordos sanitários. “Precisamos ser mais agressivos nos acordos comerciais tarifários. Nós fizemos nosso dever de casa e agora precisamos de outros setores”, disse Kátia Abreu.

“Conheço o grande trabalho que a bancada ruralista e os outros deputados e senadores fazem pela nossa agricultura, mas gostaria de ver o Congresso Nacional mais atuante nos acordos comerciais, como fazem os parlamentares europeus e americanos”, afirmou a ministra. “É algo decisivo para o país. Não podemos ficar para trás. Os congressistas precisam ter papel mais atuante nessa área”.

Kátia Abreu lembrou que a Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO) estima que o Brasil aumente em 40% sua produção agropecuária até 2050, a fim de cooperar com a segurança alimentar mundial. “O mundo espera e conta com o crescimento da nossa produção. Por isso, precisamos abrir mercados.”

#### Comércio global

A secretária de Relações Internacionais do Agronegócio, Tatiana Palermo, apresentou dados da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) que mostram que o comércio mundial é feito cada vez mais por meio de acordos comerciais. Em 1998, 20% do comércio agrícola estava inserido em acordos de tarifas ou de cotas. Em 2009, esse percentual saltou para 40%.

Tatiana Palermo afirmou aos senadores que, enquanto a União Europeia negociou 37 acordos comerciais e o Mercosul, 20, o Brasil não assina nenhum acordo desde 2010, quando firmou parceria com o Egito.

O agronegócio tem potencial de aumento de cerca de US\$ 11,4 bilhões em exportações (saltando de 8% para 9,7% na participação mundial) se fizer acordos comerciais com parceiros estratégicos, como União Europeia, Estados Unidos, China, Japão e Rússia.

“Essa pauta de acordos poderia nos dar potencial de aumento de US\$ 11,4 bilhões de forma imediata nas nossas exportações, com grande perspectiva de aumento ao longo dos anos”, ressaltou a secretária.

Os senadores elogiaram o trabalho feito pelo Mapa no último ano, em especial as medidas de desburocratização e economia de gastos. O senador Ricardo Ferraço (PSDB-ES) parabenizou a ministra pela conquista de novos mercados para o agronegócio brasileiro.

“A senhora se tornou um caixeiro viajante no ano passado para promover o Brasil, mas os dados apresentados aqui mostram que estamos isolados e devemos elevar nossa política externa às necessidades da população”, enfatizou o senador capixaba.

O senador Waldemir Moka (PMDB-MS) concordou que o Congresso Nacional deve ser mais atuante na negociação internacional e se prontificou a estudar a melhor forma de os parlamentares participarem. “Na balança comercial brasileira, o agronegócio é o mais importante e garante nosso superávit”, assinalou.

---

### **Russos conhecem sistema brasileiro de controle de grãos e farelo de soja. Cláudia Lafeté – Site do MAPA. 03/03/2016.**

Técnicos assistiram palestras e visitaram unidades do Ministério da Agricultura

Representantes do serviço de defesa agropecuária da Rússia – o Rosselkhozadzor – terminaram, nesta quinta-feira (3), uma visita de três dias ao Brasil. Hoje, eles estiveram no Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa) para conhecer os procedimentos de controle de grãos e farelo de soja geneticamente modificados (OGM) nos carregamentos de soja que vendidos ao mercado russo.

A delegação assistiu palestras sobre o Sistema Nacional de Biossegurança de OGM e sobre a qualidade de grãos e farelos. Também ouviu uma exposição sobre o Sistema Vigilância Agropecuária Internacional (Vigiagro).

Os russos também estiveram na unidade de Recursos Genéticos e Biotecnologia da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), na última terça-feira (1), e ontem (2) no Laboratório Nacional Agropecuário (Lanagro), em Goiás.

A coordenadora de Análise de Informações da Coordenação-Geral de Suporte Estratégico da Secretaria de Defesa Agropecuária, Juliana Ribeiro Alexandre, disse que os russos se



surpreenderam com os controles feitos no Brasil, principalmente no que diz respeito ao Lanagro de Goiás, referência em análise de organismos geneticamente modificados. A técnica do Mapa ressaltou ainda que a missão russa trouxe informações importantes para auxiliar as empresas brasileiras exportadoras de soja para a Rússia.

---

**Fundo da ONU busca ampliar suas parcerias no país. Camila Souza Ramos – Valor Econômico. 03/03/2016.**

O corte dos gastos do governo brasileiro tem acelerado a estratégia do Fundo Internacional de Desenvolvimento Agrícola (Fida), da ONU, de buscar parcerias com bancos públicos e com a iniciativa privada para manter e ampliar o apoio a projetos com pequenos agricultores no país.

A realização de ações conjuntas com empresas para promover a agricultura de pequena escala continua a ser uma tendência da agência não só no Brasil. De forma geral, o Fida tem procurado alternativas diante da restrição da capacidade de investimento dos países por causa da crise econômica internacional.

O fundo de investimento conta atualmente com uma carteira de US\$ 453 milhões no Brasil, que envolvem ações que atendem a cerca de 270 mil famílias nos Estados de Bahia, Ceará, Piauí, Paraíba, Sergipe. Os recursos estão aplicados em seis projetos agrícolas no semiárido, ainda em fase inicial. Um terço do valor emprestado corresponde a aportes do próprio Fida e dois terços são provenientes dos governos federal e estaduais e de algumas contribuições dos próprios beneficiários.

A agência planeja, agora, expandir sua presença no país por meio de dois novos projetos que serão realizados pela primeira vez fora do semiárido. Um dos aportes, no Maranhão, será de US\$ 40 milhões e terá foco na redução da pobreza. O outro, também de US\$ 40 milhões, será em Pernambuco, com os objetivos de transformar antigos canaviais em lavouras de produtos regionais e de estimular o cultivo de hortifrúteis no Agreste do Estado.

O aporte no Maranhão foi acordado com o governador Flavio Dino em dezembro, mas o fundo da ONU negocia fazer o investimento não com o governo estadual, mas em conjunto com bancos públicos. "Estamos considerando um memorando de entendimento para a possibilidade de o BNDES cofinanciar o projeto, mas não há nada finalizado",

disse Paolo Silveri, gerente de Programas do Fida no Brasil. Além desses projetos, previstos para os próximos dois anos, o Fida pretende doar US\$ 2,5 milhões para a Embrapa adaptar suas tecnologias à agricultura familiar, e tem à disposição US\$ 12,5 milhões sem destino certo.

Para entrar com a contraparte no financiamento de novos projetos, o fundo da ONU está em "negociações avançadas" também com o Banco do Nordeste, com o Banco da Amazônia e com a Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste (Sudene). Esses planos de expansão estão vinculados à perspectiva de parcerias com a iniciativa privada, que pela primeira vez constarão no novo plano estratégico do fundo, que será divulgado em abril.

Uma das possibilidades de atuação conjunta com o setor privado é a entrada do Fida como negociador para que pequenos agricultores sejam fornecedores de grandes grupos de agronegócio. O objetivo do fundo é garantir aos pequenos agricultores acesso ao mercado, "nivelando a assimetria" entre as duas partes, de acordo com Silveri.

Essas grandes empresas parceiras serão escolhidas a partir da plataforma do Pacto Global das Nações Unidas, que no Brasil reúne mais de 700 companhias que seguem normas de responsabilidade social e ambiental definidas pela ONU e que passou a contar com a participação do Fida em fevereiro. A aproximação com o setor privado acontece em escala global, como realçou Kanayo Nwanze, presidente do Fida, em recente encontro com jornalistas em Roma.

Costurar as parcerias no Brasil e ajustar o foco das ações dos dois novos projetos, porém, ainda levará tempo. A expectativa é que os projetos no Maranhão e em Pernambuco entrem em execução só em 2017. Segundo Silveri, os projetos costumam demorar para entrar em operação por causa da complexidade burocrática para implementar esses financiamentos no país. "Como os empréstimos criam dívida soberana, o legislativo tem que ratificar", afirmou o executivo do Fida.

---

### **Exportação de carne bovina dispara. Luiz Henrique Mendes – Valor Econômico. 03/03/2016.**

Puxadas pela demanda chinesa, as exportações brasileiras de carne bovina dispararam em fevereiro. Ao todo, os embarques - incluindo itens in natura, processados e miúdos -

renderam US\$ 476,8 milhões, um aumento de 13,1% na comparação com o mesmo mês do ano passado, de acordo com dados da Secretaria de Comércio Exterior (Secex). Em volume, o salto foi ainda maior. As vendas totalizaram 126,6 mil toneladas, o que representa um incremento de 30,5%.

Item mais importante da pauta de exportações dos frigoríficos, a carne bovina in natura foi a grande responsável pelo desempenho de fevereiro. No mês, a receita obtida com o produto foi de US\$ 389,5 milhões, alta de 18,9% em relação a fevereiro de 2015. Na mesma base de comparação, o volume de carne bovina in natura exportado aumentou 30,8%, para 99,4 mil toneladas.

Como já era esperado, os chineses continuam demonstrando um apetite considerável pelo produto brasileiro. Em fevereiro, Hong Kong e a China continental lideraram a expansão das exportações do país. Juntos, os dois mercados aumentaram as compras em 15,5 mil toneladas.

Isolada, a China continental foi a maior responsável pelo incremento. Em fevereiro, os chineses importaram 11,1 mil toneladas de carne bovina in natura do Brasil, gastando US\$ 47,4 milhões. No mesmo mês do ano passado, a China continental sequer comprava diretamente carne do Brasil. O país asiático reabriu seu mercado à carne bovina brasileira em maio de 2015, depois de mais de dois anos de embargo. Atualmente, a China já é o quarto maior importador de carne bovina brasileira em volume e o terceiro em receita.

No caso de Hong Kong, o crescimento das vendas representa uma recuperação - em 2015, as exportações sofreram com o cerco das autoridades de Pequim contra a triangulação de carnes para a China continental. No mês passado, a cidade-Estado chinesa importou 21,3 mil toneladas de carne bovina in natura do Brasil, aumento de 26,2% ante as 16,8 mil toneladas compradas no mesmo intervalo do ano passado. Desde 2013, Hong Kong lidera as compras da carne bovina do Brasil.

Além de Hong Kong e China, importantes clientes como Egito, Rússia e Chile também contribuíram para a expansão das exportações do Brasil. Segundo maior importador, o Egito comprou 16,8 mil toneladas de carne bovina in natura em fevereiro, crescimento de 16,6% na comparação anual. As exportações para a Rússia, por sua vez, aumentaram 10,5%, para 12,5 mil toneladas. As vendas para o Chile também surpreenderam: somaram 7,2 mil toneladas, quase o dobro do total importado em fevereiro de 2015.

### **Queda na receita dos embarques de frango. Luiz Henrique Mendes – Valor Econômico. 03/03/2016.**

A demanda externa pela carne de frango brasileira permaneceu firme em fevereiro, mas a queda dos preços médios do produto no mercado internacional continuam a pesar sobre a receita dos embarques do país.

Segundo dados da Secretaria de Comércio Exterior (Secex/Mdic) compilados pela Associação Brasileira de Proteína Animal (ABPA), as exportações somaram 320,3 mil toneladas no mês passado, 6% mais que em fevereiro de 2015. Mas o valor das vendas recuou 11,5% na comparação, para US\$ 458,6 milhões.

Os preços internacionais vêm caindo nos últimos meses por causa do aumento de estoques. Na semana passada, Pedro Faria, CEO da BRF, maior exportadora de carne de frango do país, destacou, inclusive, que no Oriente Médio os preços já recuaram ao menor patamar desde 2002.

Em boa medida, os preços mais baixos em dólar têm sido compensados pela desvalorização do real. Conforme a ABPA, a receita em real dos embarques do país foi de R\$ 1,82 bilhão em fevereiro, alta de 24,9% na comparação com o valor do mesmo mês de 2015 na moeda brasileira.

Em nota, a ABPA realçou, também, que o aumento do volume exportado ajuda a ajustar a oferta de frango no mercado doméstico, o que pode permitir aumentos de preços no país. Neste momento, a indústria brasileira de carne de frango opera com margens pressionadas por conta da alta do milho - principal componente da ração.

No primeiro bimestre, o volume dos embarques de carne de frango do país cresceu 9,9%, para 637,1 mil toneladas, e a receita foi 10,2% menor (US\$ 909,7 milhões).

---

### **Exportações do agronegócio crescem quase 37% em fevereiro – Site do MAPA. 07/03/2016.**

Vendas somam US\$ 6,71 bi. Carne bovina, soja, açúcar e álcool, cereais e produtos florestais puxaram embarques

O agronegócio brasileiro teve mais um desempenho positivo na balança comercial. No mês passado, as exportações do setor somaram US\$ 6,71 bilhões – um recorde da série histórica (1997-2016) para os meses de fevereiro. Esse valor corresponde a 50,3% das

vendas externas totais do país, de US\$ 13,348 bilhões. Já as importações totalizaram US\$ 953,51 milhões, o que resultou num saldo de US\$ 5,76 bilhões. Os números foram divulgados nesta segunda-feira (7) pela Secretaria de Relações Internacionais do Agronegócio (SRI) do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa).

“Na comparação com igual período de 2015, as vendas externas de produtos agropecuários tiveram um aumento de 36,9%. Nas exportações totais, o aumento foi menos expressivo, de 4,6%”, observou a secretária de Relações Internacionais do Agronegócio, Tatiana Palermo. Em valores absolutos, os embarques do agronegócio tiveram, em fevereiro deste ano, um incremento de US\$ 1,81 bilhão em relação aos US\$ 4,90 bilhões exportados em igual mês de 2015.

Em fevereiro, os cinco principais setores exportadores foram carnes (US\$ 1,05 bilhão; -1,1%); complexo soja (US\$ 1,04 bilhão; +42,6%); complexo sucroalcooleiro (US\$ 952,11 milhões; +123,8%); cereais, farinhas e preparações (US\$ 949,40 milhões; +180,5%) e produtos florestais (US\$ 932,52 milhões; +21,1%). As exportações desse grupo de produtos subiram de US\$ 3,32 bilhões em fevereiro de 2015 para US\$ 4,92 bilhões no mesmo mês deste ano. Com isso, a participação desses setores no total das vendas externas do agronegócio passou de 67,7% em fevereiro de 2015 para 73,3% no mês passado.

Segundo Tatiana Palermo, os dados de fevereiro comprovam novamente a competitividade do setor, que hoje responde por mais da metade do valor total das exportações brasileiras. “O agronegócio demonstra um desempenho exportador extraordinário, que responde positivamente ao esforço do Ministério da Agricultura na abertura de novos mercados.”

#### Produtos mais vendidos

Em valor, a carne bovina ultrapassou a de frango no mês passado. Foram exportados US\$ 477,14 milhões (+10,9%), devido ao aumento de 25,4% na quantidade embarcada. As vendas externas de frango totalizaram US\$ 450,97 milhões, as de suínos, US\$ 85,31 milhões e as de peru, R\$ 14,34 milhões.

Os embarques do complexo soja subiram de US\$ 725,77 milhões em fevereiro de 2015 para US\$ 1,03 bilhão no mês passado (+42,6%). O aumento ocorreu exclusivamente por causa do incremento das exportações de soja em grão, que saltaram de US\$ 346,12 milhões em 2015 para US\$ 715,30 milhões em 2016 (+106,7%). A elevação do valor

exportado deve-se ao crescimento do volume embarcado, de 869 mil toneladas para 2,04 milhões de toneladas (+134,5%).

O complexo sucroalcooleiro ficou na terceira posição entre os principais setores exportadores do agronegócio, com vendas de US\$ 952,10 milhões. Os embarques de açúcar subiram de US\$ 380,54 milhões em fevereiro de 2015 para US\$ 800,39 milhões no mês passado (+110,3%). As exportações de álcool passaram de US\$ 41,48 milhões em fevereiro de 2015 para US\$ 150,99 milhões no mês passado (+264%).

A quarta posição nesse ranking ficou com o setor de cereais, farinhas e preparações. As exportações saíram de US\$ 338,44 milhões em fevereiro de 2015 para US\$ 949,40 milhões no mês passado (+180,5%). O destaque foi o milho, com embarques de US\$ 892,18 milhões, o que representou cerca de 94% do total embarcado por esse segmento. O volume de milho comercializado em fevereiro também foi recorde: 5,4 milhões de toneladas.

Os produtos florestais ficaram na quinta posição entre os principais exportadores do agronegócio em fevereiro deste ano. As vendas externas do setor alcançaram US\$ 932,52 milhões no mês passado (+21,1%). Nesse segmento, os embarques de celulose registraram recorde histórico, atingindo 1,32 milhão de toneladas, o que representou US\$ 575,78 milhões no mês passado (+39,9%).

Entre as regiões que importam produtos agropecuários brasileiros, o destaque em fevereiro passado foi a Ásia. Ela aumentou as compras em 75%, passando sua participação de 32,1% do valor exportado para 41,2%. No grupo de países, a China se mantém como principal parceria do agronegócio brasileiro. No mês passado, os embarques para aquele mercado subiram 94,9% e somaram US\$ 1 bilhão.

Quando se soma os dois primeiros meses deste ano, o resultado da balança comercial também é positivo. No primeiro bimestre de 2016, as vendas externas de produtos agropecuários brasileiros totalizaram US\$ 11,69 bilhões, com crescimento de 10,9% em comparação com o mesmo período de 2015.

---

**CNA participa de Conferência Internacional sobre Agropecuária – Site do CNA. 07/03/2016.**

Cavan, na Irlanda, tem mais de 15 mil habitantes, dos quais 40% vivem em áreas rurais. O povoado é um exemplo perfeito de desenvolvimento agrícola, em termos de diversidade, com ampla perspectiva de crescimento. A cidade vem se destacando pela qualidade nos alimentos produzidos. Atualmente, ela registra 70% da produção nacional de aves, 60% de cogumelo e 20% de suínos. Um dos principais players na indústria de laticínios Europeia, a Lakeland, também é baseado em Cavan.

Organização que premia pessoas do setor rural com oportunidades para crescimento pessoal e profissional, visando o desenvolvimento de líderes na atividade agropecuária e inovadores do futuro, a Nuffield Farm School realiza a conferencia internacional “Contemporary Scholars Conference (CSC)”, entre 7 e 12 de março, em Cavan, Irlanda, promovendo o intercâmbio de experiências e conhecimentos, no setor agropecuário.

Durante uma semana, mais de 75 especialistas e agricultores de 10 países, ao redor do mundo, (Austrália, Brasil, Canadá, China, Índia, Reino Unido, Holanda, Nova Zelândia, Estados Unidos, Zâmbia), vão compartilhar suas experiências e conhecimentos. Está programado curso, centrado na liderança e sustentabilidade, com foco em agricultura, abordando temas como: organização da agricultura no mundo, estatísticas, inovação, tecnologias e desafios do setor.

A Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA) vai participar do evento, representada pelo assessor técnico da Comissão Nacional de Aves e Suínos da CNA, Victor Ayres. Estão previstas também, até o dia 17 deste mês, visitas técnicas em propriedades rurais, agroindústrias e associações de produtores da Irlanda. “Será uma grande oportunidade para conhecer sobre o quê a agricultura irlandesa tem a oferecer, e ainda para interagir com profissionais do setor agropecuário de diversos países” revelou.

---

**Pecuária de Mato Grosso é destaque no Cattlemen’s Day nos Estados Unidos – Site do CNA. 08/03/2016.**

Pela primeira vez, a pecuária de Mato Grosso foi apresentada para produtores, estudantes, professores e pesquisadores americanos na Universidade Estadual do Kansas, nos Estados

Unidos, durante o evento Cattlemen's Day que acontece há 103 anos na instituição de ensino.

A apresentação aconteceu na sexta-feira (04/03) e fez parte da programação da Missão Técnica da Federação da Agricultura e Pecuária de Mato Grosso - FAMATO e do Serviço Nacional de Aprendizagem Rural - SENAR/MT aos Estados Unidos com a participação de 26 pessoas entre produtores rurais e colaboradores das entidades.

O Cattlemen's Day era o momento mais aguardado dos participantes da missão que começou dia 27 de fevereiro e encerrou nesta segunda-feira (7 de março) com o retorno do grupo ao Brasil.

O gestor do Núcleo Técnico da FAMATO, Guto Zanata fez uma palestra sobre a ocupação da pecuária de corte em Mato Grosso destacando os diferentes aspectos do processo histórico, econômico e a manutenção da atividade no estado.

Zanata explicou as diversas tecnologias usadas na pecuária de corte mato-grossense, classificando o estado em diferentes regiões e características. Como exemplo, foram destacadas as fazendas Boqueirão, localizada em Santo Antônio de Leverger, e a Vale Verde, do município de Nova Bandeirantes.

As duas propriedades participaram do Prêmio Sistema FAMATO EM CAMPO promovido pela FAMATO, SENAR-MT, Sindicatos Rurais e Instituto Mato-grossense de Economia Agropecuária (Imea) no final do ano passado para identificar práticas e manejos diferenciados da pecuária de corte mato-grossense. Das 13 fazendas classificadas, sete foram selecionadas e reconhecidas como referência em pecuária de corte em Mato Grosso, sendo duas delas escolhidas para serem apresentadas no Cattlemen's Day.

“São duas propriedades modelos que representam muito bem nosso estado no que diz respeito à produção de carne”, destacou o diretor de Relações Institucionais da FAMATO, Rogério Romanini.

Paulo Carvalho, proprietário da Vale Verde, disse que ter sua fazenda reconhecida como referência em produção é motivo de orgulho e uma grande oportunidade de compartilhar informações e agregar valores para outros produtores.

Para Zacarias Schneider, da fazenda Boqueirão, a apresentação conseguiu mostrar aos alunos, mestres e pecuaristas americanos que Mato Grosso tem produção de bovinos a



pasto intensificada, de qualidade, com sustentabilidade e rentabilidade. “Conseguimos mostrar que temos potencial para exportar carne para o mundo”, afirmou Schneider.

O professor da Universidade Estadual do Kansas Luiz Delamanha, que também acompanhou o grupo em algumas propriedades rurais durante a missão, avaliou a participação dos produtores de Mato Grosso no Cattleman’s Day como uma experiência enriquecedora para ambas as partes e uma troca de conhecimento valiosa.

Os produtores do Kansas ficaram muito interessados nos relatos e exemplos de produção de Mato Grosso e fizeram diversas perguntas aos vencedores do Prêmio Sistema FAMATO EM CAMPO. Entre os assuntos mais questionados estavam a sucessão familiar, um problema comum dos produtores americanos, e a produção.

Paulo Carvalho e Zacarias Schneider receberam uma homenagem dos professores da Universidade como reconhecimento às potencialidades do Estado do Centro-Oeste brasileiro. “Mato Grosso hoje é referência no Brasil e no mundo. E com esta apresentação ficamos ainda mais convencidos disso. Parabéns Mato Grosso, parabéns às propriedades”, disse Dave Nichols, um dos professores da universidade americana.

Entre os participantes do evento estava o médico veterinário Alexandre Escarves que é brasileiro e faz doutorado na instituição. Escarves disse que essa iniciativa do Sistema Famato fortalece a pecuária brasileira e contribui ainda mais para a geração de novos conhecimentos.

Sobre a Missão Técnica – Além da participação da comitiva de produtores de Mato Grosso no Cattleman’s Day, a Missão Técnica incluiu visitas ao Departamento de Agricultura dos EUA (USDA), onde aconteceram reuniões sobre produção de carne, e na Federal Farm Bureau (representante da classe dos produtores americanos) em Washington, cujo objetivo era conhecer os modelos de gestão e as ações que estão sendo feitas em relação à representação da classe produtora nos EUA.

A comitiva de 26 pessoas, composta por técnicos do Sistema FAMATO, produtores rurais e presidentes de Sindicatos Rurais, também visitou confinamentos e propriedades de pecuária na cidade de Garden City e se reuniu com gerentes e diretores da ABS (empresa de genética).

---

**Reação expressiva nas exportações do campo. Fernando Lopes – Valor Econômico. 08/03/2016.**

Puxadas por soja, milho e açúcar, as exportações do agronegócio brasileiro ganharam ritmo em fevereiro, bateram recorde para o mês (foram 19 dias úteis, por se tratar de um ano bissexto) e fecharam o primeiro bimestre com resultado positivo.

Conforme dados da Secretaria de Comércio Exterior (Secex/Mdic) compilados pelo Ministério da Agricultura, os embarques do setor somaram US\$ 6,713 bilhões, 36,9% a mais que em fevereiro de 2015, ano em que as vendas ao exterior demoraram mais para deslanchar, sobretudo em razão de um atraso na colheita de soja. Prejudicadas pelo câmbio e por um mercado interno mais fraco, as importações caíram 20,8%, para US\$ 953,5 milhões - e, assim, o superávit setorial cresceu 55,7%, para US\$ 5,759 bilhões.

Três setores foram cruciais para o incremento verificado nas exportações no mês passado: soja e derivados (farelo e óleo), sucroalcooleiro (açúcar e etanol) e cereais, farinhas e preparações (grupo que inclui o milho). No caso da soja, a receita aumentou 42,6% em relação a fevereiro de 2015 e atingiu US\$ 1,035 bilhão. No segmento sucroalcooleiro, no qual o destaque foi o açúcar, a alta foi de 123,8%, para US\$ 952,1 milhões, e no de cereais chegou a 180,5%, para US\$ 949,4 milhões.

Ainda que tenham liderado as exportações do setor, as carnes (bovina, de frango e suína) tiveram desempenho levemente negativo no mês. Em virtude da queda dos preços médios de venda, os embarques caíram 1,1%, para US\$ 1,051 bilhão.

Como costuma acontecer, o avanço da soja "fortaleceu" a China entre os principais destinos das exportações do agronegócio brasileiro em fevereiro. A fatia do país asiático no total setorial aumentou de 10,5%, em fevereiro de 2015, para 14,9%.

Com o salto de fevereiro, as exportações do setor somaram US\$ 11,694 bilhões no primeiro bimestre, 10,9% mais que em igual intervalo de 2015. As importações recuaram 23,7%, para US\$ 1,867 bilhão, e o superávit cresceu 21,3%, a US\$ 9,828 bilhões.

---

**Exportações para a China quase dobram em fevereiro. João Carlos Rodrigues – Site do MAPA. 08/03/2016.**

Embarques dos produtos agrícolas somaram US\$ 1 bi, com destaque para a soja

A China é hoje a principal parceira do agronegócio brasileiro. Dados da balança comercial do setor – divulgada esta semana pela Secretaria de Relações Internacionais do Agronegócio (SRI) do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa) – mostram um crescimento expressivo nas importações chinesas de produtos agropecuários do Brasil. As exportações quase dobraram em fevereiro último, em relação ao mesmo período de 2015, passando de US\$ 513,5 milhões para US\$ 1 bilhão, o que representa uma alta de 94,9%. Em volume, as compras do mercado chinês saltaram de 997,5 milhões de toneladas para 2,3 bilhões de toneladas, na comparação entre os dois meses.

A soja em grão é o carro-chefe das exportações brasileiras para a China. Em fevereiro deste ano, os embarques do produto somaram US\$ 555,3 milhões (1,59 milhão de toneladas), ante US\$ 193,2 milhões (492,7 mil toneladas) de igual mês do ano passado. Em segundo lugar, aparece a celulose, que passou de US\$ 136,7 milhões (292,1 mil t) para US\$ 166,4 milhões (372,6 mil t), na comparação dos dois períodos. O açúcar de cana ou beterraba ocupa a terceira posição: de US\$ 38 milhões (121,3 mil t) para US\$ 61,7 milhões (221,6 mil t). A seguir, vêm os couros e peles de bovinos, com vendas externas de 53,4 milhões (17,1 mil t) no mês passado.

#### Carnes de frango e bovina

As carnes também estão entre os produtos brasileiros mais importados pelos chineses. A carne de frango ocupa a quinta posição no ranking das exportações agropecuárias brasileiras para aquele mercado. As vendas do produto saíram de US\$ 40,6 milhões (20,5 mil t), em fevereiro de 2015, para US\$ 52 milhões (30 mil t), no mês passado.

Em sexto lugar está a carne bovina, que voltou a ser comprada pela China desde o final do ano passado. As vendas do produto alcançaram US\$ 47,5 milhões em fevereiro último, o equivalente a 11,1 mil toneladas. Em dezembro de 2012, o governo chinês embargou a carne bovina brasileira, por causa de notificação do caso de Encefalopatia Espongiforme Bovina (EEB) no Paraná. No primeiro semestre de 2014, o país asiático suspendeu as restrições. No ano passado, foram habilitados frigoríficos do Brasil para exportar carne bovina para a China. E os maiores volumes começaram a ser registrados a partir deste ano.

A viagem da ministra Kátia Abreu (Agricultura, Pecuária e Abastecimento) à China, em novembro de 2015, foi decisiva para ampliar o número de estabelecimentos exportadores de carnes. “O mercado chinês, tendo em vista a sua qualidade e competitividade da carne

bovina brasileira, é o maior entre todos os outros importadores do produto”, diz o diretor de Negociações Não Tarifárias da SRI, Odilson Silva.

Cereais, papel, algodão e produtos têxteis e madeira completam a lista dos dez principais itens da pauta de exportação agrícola do Brasil para a China. Em fevereiro último, os embarques de cereais atingiram US\$ 14,5 milhões (88,7 mil t). Já as vendas de papel somaram US\$ 9,2 milhões (11,5 mil t), as de algodão e produtos têxteis, US\$ 7,9 milhões (5,4 mil t) e as de madeira, US\$ 6,1 milhões (18,7 mil t).

---

### **Reação expressiva nas exportações do campo. Fernando Lopes – Valor Econômico. 08/03/2016.**

Puxadas por soja, milho e açúcar, as exportações do agronegócio brasileiro ganharam ritmo em fevereiro, bateram recorde para o mês (foram 19 dias úteis, por se tratar de um ano bissexto) e fecharam o primeiro bimestre com resultado positivo.

Conforme dados da Secretaria de Comércio Exterior (Secex/Mdic) compilados pelo Ministério da Agricultura, os embarques do setor somaram US\$ 6,713 bilhões, 36,9% a mais que em fevereiro de 2015, ano em que as vendas ao exterior demoraram mais para deslanchar, sobretudo em razão de um atraso na colheita de soja. Prejudicadas pelo câmbio e por um mercado interno mais fraco, as importações caíram 20,8%, para US\$ 953,5 milhões - e, assim, o superávit setorial cresceu 55,7%, para US\$ 5,759 bilhões.

Três setores foram cruciais para o incremento verificado nas exportações no mês passado: soja e derivados (farelo e óleo), sucroalcooleiro (açúcar e etanol) e cereais, farinhas e preparações (grupo que inclui o milho). No caso da soja, a receita aumentou 42,6% em relação a fevereiro de 2015 e atingiu US\$ 1,035 bilhão. No segmento sucroalcooleiro, no qual o destaque foi o açúcar, a alta foi de 123,8%, para US\$ 952,1 milhões, e no de cereais chegou a 180,5%, para US\$ 949,4 milhões.

Ainda que tenham liderado as exportações do setor, as carnes (bovina, de frango e suína) tiveram desempenho levemente negativo no mês. Em virtude da queda dos preços médios de venda, os embarques caíram 1,1%, para US\$ 1,051 bilhão.

Como costuma acontecer, o avanço da soja "fortaleceu" a China entre os principais destinos das exportações do agronegócio brasileiro em fevereiro. A fatia do país asiático no total setorial aumentou de 10,5%, em fevereiro de 2015, para 14,9%.

Com o salto de fevereiro, as exportações do setor somaram US\$ 11,694 bilhões no primeiro bimestre, 10,9% mais que em igual intervalo de 2015. As importações recuaram 23,7%, para US\$ 1,867 bilhão, e o superávit cresceu 21,3%, a US\$ 9,828 bilhões.

---

### **Cargill planeja reduzir em 20% uso de antibióticos em bovinos nos EUA – Valor Econômico. 09/03/2016.**

A Cargill planeja reduzir em 20% o uso de antibióticos em seu rebanho bovino nos Estados Unidos, em um dos passos mais significativos anunciados até agora entre os processadores de carne.

A companhia, maior empresa do agronegócio de capital fechado, afirmou que pretende retirar o uso desses medicamentos da dieta de 1,2 milhão de cabeças de gado por ano. A empresa já havia anunciado anteriormente medidas similares para a produção de perus, uma ave bastante apreciada no mercado americano.

As ações ocorrem na esteira da pressão maior de parte da classe científica e da sociedade civil diante dos casos crescentes e preocupantes de resistência a bactérias que o uso generalizado de antibióticos na cadeia de alimentos estaria provocando.

“Nós escutamos nossos clientes e tomamos este primeiro passo, e acreditamos que haverá novas medidas a serem tomadas em um futuro nem tão distante”, afirmou John Keating, presidente do segmento de carnes da Cargill.

Os produtores de frango dos EUA estão entre os mais adiantados nas tentativas de reduzir as doses de antibióticos oferecidos aos animais através de ração. Esses remédios têm efeito profilático — de evitar que os animais adoçam, o que atrapalharia o crescimento e o abate.

A Cargill pretende reduzir o uso dos medicamentos em suas unidades próprias de engorda dos animais no Texas, Kansas e Colorado. Conforme a empresa, a Friona Industries, que mantém outras quatro unidades de engorda de animais que fornece à Cargill, também seguirá os passos da multinacional.

---

### **Brasil participa da Conferência Mundial do Café na Etiópia. Inez De Podestà – Site do MAPA. 09/03/2016.**

Países produtores debatem cenário e tendência do mercado global do grão

A 4ª Conferência Mundial do Café e a 116ª Sessão do Conselho Internacional do Café estão sendo realizadas em Adis Abeba, na Etiópia, até a próxima sexta-feira (11). Os encontros, promovidos pela Organização Internacional do Café (OIC), reúnem representantes de mais de 72 países-membros que discutem temas como sustentabilidade do café, tendências do consumo mundial, comércio do café especial, mudanças climáticas, papel da inovação e políticas públicas no aumento da produtividade e preços do café e volatilidade. O Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA) está representado no encontro pelo assessor Eduardo Sampaio, da Secretaria de Política Agrícola.

A produção mundial de café na safra 2015/16 deve totalizar 143,4 milhões de sacas de 60 kg, estimou a OIC na abertura da conferência, nessa segunda-feira (7). Isso corresponde a um aumento de 1,4% em relação ao período anterior (141,4 milhões de sacas).

O Brasil é o maior produtor e exportador mundial de café e o segundo maior consumidor. Em 2015, a safra chegou a 43,24 milhões de sacas de 60 quilos de café arábica e conilon. Cerca de 98% da produção está em Minas Gerais, Espírito Santo, São Paulo, Bahia, Rondônia, Paraná e Goiás. A cultura ocupa uma área de 2,2 milhões de hectares.

Saiba mais

A Organização Internacional do Café (OIC) é um organismo intergovernamental, criado com o apoio das Nações Unidas para servir à comunidade cafeeira internacional. Criada em 1963, a OIC reúne países produtores e consumidores de café e tem sede em Londres.

A cada quatro ou cinco anos, a OIC realiza uma Conferência Mundial do Café. As três primeiras conferências foram realizadas em Londres (2001), Salvador (2005); e Cidade da Guatemala (2010).

---

### **Merial, da Sanofi, investe € 9 milhões no país. Luiz Henrique Mendes – Valor Econômico. 22/03/2016.**

Mesmo em meio à crise política e econômica que assola o Brasil, a Merial, braço de saúde animal da farmacêutica francesa Sanofi, reforçou neste ano a aposta de fazer do país uma de suas principais plataformas de exportação.

Nesse sentido, afirmou ao **Valor** Jorge Espanha, presidente da subsidiária brasileira da Merial, a empresa está investindo apenas neste ano no país € 9 milhões (R\$ 36,7 milhões

ao câmbio de ontem) para duplicar sua capacidade de produção de medicamentos injetáveis voltados ao mercado de bovinos.

Na avaliação do executivo, o novo investimento mostra que a decisão de exportar a partir do Brasil é um acerto. "Essa foi uma aposta da Merial lá atrás, e o país está provando que seu custo [de produção] é competitivo para exportação". Espanha ressaltou que, nos últimos dez anos, a companhia já investiu cerca de € 115 milhões no Brasil.

Mas foi apenas nos últimos três anos que Merial acelerou o passo, segundo Espanha. Dentre os principais investimentos realizados nesse período, estão uma fábrica de vacinas contra o vírus da febre aftosa, orçada em € 55 milhões, e a construção de uma unidade de parasiticidas mastigáveis para cães, que custou cerca de € 35 milhões e foi inaugurada em 2014.

No caso da fábrica de vacinas contra febre aftosa, os aportes estão em curso e a previsão é que a unidade entre em operação comercial em 2017. Segundo Espanha, o gasto final na fábrica de vacina poderá ser menor, em euros, devido à depreciação do real.

Nos três investimentos, incluindo o mais recente, Espanha enfatiza a relevância das exportações. Localizada no parque fabril da empresa em Paulínia (SP), a unidade de parasiticidas mastigáveis exporta a maior parte de sua produção para os EUA. Mesmo em relação à febre aftosa, responsável pela maior parte da receita no mercado doméstico, ele enxerga potencial para exportar para países do continente africano.

Mais recente investimento, a nova linha de produção de medicamentos injetáveis - tais como ivermectina, antibióticos e parasiticidas - será voltada para o mercado externo, especialmente no caso de um parasiticida para bovinos que foi lançado recentemente nos EUA. "O produto foi um sucesso e tenho limitação de produção", argumentou Espanha. A previsão é que a nova linha de produção fique pronta no meio do ano.

Segundo o executivo, a Merial já exporta 45% do que é produzido no Brasil. Ao todo, a subsidiária da empresa no país faturou cerca de R\$ 750 milhões em 2015, conforme fontes de mercado - a empresa não divulga resultados por país. O faturamento global da companhia supera € 2,5 bilhões, e o Brasil é seu terceiro principal mercado, atrás dos EUA e da França.

---

**Câmbio e exportação ajudam Minerva. Luiz Henrique Mendes – Valor Econômico.  
09/03/2016.**

Impulsionada pelo aumento das exportações e pelo impacto da alta do dólar sobre as receitas externas, a Minerva Foods, terceira maior empresa de carne bovina do Brasil, encerrou o quarto trimestre de 2015 com lucro líquido de R\$ 66,5 milhões. No mesmo intervalo de 2014, a empresa havia registrado prejuízo de R\$ 304 milhões.

A empresa, que obtém cerca de 70% da receita no mercado externo, teve receita líquida de R\$ 2,753 bilhões no quarto trimestre de 2015, alta de 29,4% sobre os R\$ 2,127 bilhões do mesmo período de 2014. "Esse trimestre foi o melhor da história da empresa, tanto do ponto de vista de receita líquida quanto de geração de Ebitda", disse o diretor-financeiro da Minerva, Edison Ticle.

No quarto trimestre, o lucro antes de juros, impostos, depreciação e amortização (Ebitda, na sigla em inglês) totalizou R\$ 337,0 milhões, alta de 71,7% sobre os R\$ 196,3 milhões do mesmo período do ano de 2014. Já a margem Ebitda saiu de 9,2% no quarto trimestre de 2014 para 12,2% nos últimos três de 2015. No quarto trimestre de 2015, a empresa também gerou fluxo de caixa livre positivo de R\$ 44,2 milhões.

O bom desempenho das vendas externas também significou ganho de mercado da Minerva nas exportações brasileiras de carne bovina in natura. Na contramão do que ocorreu com as exportações do Brasil, que caíram 12,1% em volume em 2015, os embarques da Minerva cresceram 17%. Com isso, a participação da companhia passou de 16,3% para 21,7%. Só no quarto trimestre de 2015, as exportações da Minerva aumentaram 14,2%.

No mercado interno, o volume vendido caiu 20,7% no quarto trimestre ante igual período do ano anterior, para 54,8 mil toneladas. Apesar disso, o presidente da Minerva, Fernando Galletti de Queiroz destacou que a receita bruta no mercado interno cresceu 5,6% no quarto trimestre e 17% em 2015. "Mesmo com o mercado interno sofrendo, crescemos em faturamento. Isso mostra que mesmo no mercado interno existem oportunidades".

A Minerva conseguiu reduzir o índice de alavancagem (relação entre dívida líquida e Ebitda em doze meses), de 4,8 vezes no terceiro trimestre para 4,1 vezes no quarto



trimestre. Segundo Ticle, o índice de alavancagem cai ainda mais quando considerado os cerca de R\$ 750 milhões recebidos da Saudi Agricultural and Livestock Investment (Salic) neste primeiro trimestre no processo de aumento de capital - a gestora saudita terá quase 20% das ações da Minerva. Com os recursos, o índice estaria em 3,4 vezes.

---

### **Brasil representa América Latina em Fórum Global de Extensão Rural – Site do MDA. 10/03/2016.**

Hur Ben Correa da Silva (à esquerda), coordenador de Inovação e Sustentabilidade (SAF/MDA), acompanha a reunião do Comitê Executivo do Fórum Global de Extensão Rural

Segue até esta sexta-feira (11), em Zurique, na Suíça, a reunião do Comitê Executivo do Fórum Global de Extensão Rural. O evento servirá para definir o Plano Anual – 2016 e o Plano Estratégico para os próximos dez anos. O Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA), que é membro do Comitê Executivo da Rede Latino Americana de Serviços de Extensão Rural, representa a América Latina no Fórum.

Por possuir uma política nacional e um marco legal de Ater, a Pnater e a lei nº 12.188/2010, o Brasil tem sido referência no tema. "Hoje, o país possui uma rede credenciada de mais de 600 organizações em todo o território nacional, articulada com as políticas voltadas para a agricultura familiar e a reforma agrária, bem como o desenvolvimento rural sustentável. O mundo quer saber como fizemos isso", conta o representante do MDA no evento, Hur Ben Correa da Silva, coordenador de Inovação e Sustentabilidade (SAF/MDA).

O Fórum, que tem como diretriz a promoção de política pública de extensão rural nos países, busca preencher o vazio na articulação e na coordenação da política no mundo, decorrente do fenômeno da globalização da década de noventa. O encontro atua em sistemas de conhecimento e inovação na agricultura, defesa da extensão rural e da formação do profissional de Ater, sempre visando o desenvolvimento sustentável.

Reuniões anuais com gestores, extensionistas, acadêmicos e representantes de agricultores e suas organizações são realizadas, para debater sobre o tema, quando experiências são socializadas.

### **Rede Latino Americana de Extensão Rural**

O MDA ocupa a presidência da Rede Latino Americana de Serviços de Extensão Rural desde 2014, e representa a Rede no Comitê Executivo do Fórum Global.

O Comitê é formado por representações de 12 Redes Regionais, entre elas: África, Ásia, Pacífico e América Latina, e organizações como: FAO, Banco Mundial, GIZ, Fórum Global de Pesquisa Agropecuária e o Fundo Internacional para o Desenvolvimento da Agricultura.

---

**Kátia Abreu: Brasil precisa agregar valor às exportações de soja. Priscilla Mendes e Viviane Novaes – Site do MAPA. 10/03/2016.**

Ministra diz que fim da variação do ICMS entre estados ajudaria o país a vender mais farelo e óleo ao exterior

A ministra Kátia Abreu (Agricultura, Pecuária e Abastecimento) comemorou, nesta quinta-feira (10), a estimativa de produção de 101,2 milhões de toneladas de soja para a safra 2015/2016 – divulgada pela Companhia Nacional de Abastecimento (Conab). Mas afirmou que o país precisa oferecer condições para que os agricultores brasileiros agreguem valor ao grão exportado.

Para a ministra, o país poderia exportar mais soja processada (farelo e óleo), não fosse a variação do Imposto sobre a Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS), cobrado quando esse tipo de produto é transportado entre estados. “Precisamos melhorar a agregação de valor na nossa exportação de soja. O que atrapalha muito é a variação de ICMS no Brasil. Ninguém quer importar imposto.”

A soja foi o destaque do 6º levantamento da produção de grãos da Conab. Com a previsão de 101,2 milhões de toneladas na safra 2015/2016, a oleaginosa vai superar em 5 milhões a colheita do ciclo anterior. O bom resultado se deve aos ganhos de 3,6% de área plantada e de 1,5% de produtividade.

No total, a companhia aponta que a produção de grãos desta safra alcançará 210,3 milhões de toneladas, volume 1,3% maior do que a 2014/15, de 207,7 milhões.

“Cada vez mais, a soja significa, para o mundo, um produto muito brasileiro e já alcança várias partes do planeta”, comemorou a ministra, durante a divulgação dos dados. Kátia Abreu disse que o projeto de reforma do ICMS, em tramitação no Congresso Nacional, ajudará a alavancar ainda mais as exportações do grão.

“Muitos reclamam, com razão, por que o Brasil exporta tanto grão e não exporta farelo e óleo. Os culpados somos nós mesmos”, assinalou. “Esperamos que o Congresso Nacional possa compreender o quanto isso tem travado o país. Entendemos e respeitamos a preocupação de cada governador, mas acredito que o que for para um determinado estado tem que ser bom para o país inteiro”.

#### Cadastro Ambiental Rural

Kátia Abreu destacou ainda que o Mapa é favorável à prorrogação do prazo para inscrição das propriedades rurais no Cadastro Ambiental Rural (CAR), que se encerra em 5 de maio, como determina o Código Florestal.

No ano passado, o prazo já havia sido prorrogado por um ano. Segundo dados de janeiro do Serviço Florestal Brasileiro, 33,9% da área rural do país ainda não foram cadastrados.

“Muitos produtores ainda não fizeram o cadastro devido, em grande parte, a problemas localizados de Justiça e outras questões. Acredito que todos vão compreender que não é possível colocar a agropecuária na criminalidade voluntariamente. Por que não dar mais uma oportunidade para o setor agrícola que vem comemorando bons resultados na geração de empregos, no Produto Interno Bruto e na balança comercial brasileira?”, comentou a ministra.

#### Vendas externas

Durante a entrevista coletiva, a secretária de Relações Internacionais do Agronegócio do Mapa, Tatiana Palermo, falou sobre o bom desempenho da agropecuária nas exportações brasileiras em fevereiro. Nesse mês, os produtos agrícolas responderam por 50,3% do total dos embarques brasileiros.

“O agro contribuiu para um superávit de 5,76 bilhões de dólares na balança comercial brasileira, enquanto os outros setores continuaram com déficit”, ressaltou a secretária, citando os produtos que mais puxaram os embarques: soja, milho, carne bovina, açúcar, álcool e produtos florestais.

Entre os motivos para o bom desempenho, a ministra Kátia Abreu lembrou que fevereiro do ano passado não foi bom nas exportações. Este ano, o dólar em alta favoreceu as vendas externas. “Tomara que continue essa forte tendência”, disse a ministra.

---

**USDA confirma cenário de estoque 'folgado' de grãos. Mariana Caetano, Fernanda Pressinott e Fabiana Batista – Valor Econômico. 10/03/2016.**

Ainda que o Departamento de Agricultura dos EUA (USDA) tenha reduzido suas projeções para os estoques globais de milho, trigo e soja ao término desta safra 2015/16, as relações entre as reservas e as demandas de cada mercado permaneceram em níveis confortáveis e reforçaram a expectativa de que a pressão sobre as cotações dessas commodities ainda está longe de arrefecer.

A partir das correções efetuadas pelo USDA em relatório divulgado ontem, os estoques finais de milho foram reduzidos para 206,97 milhões de toneladas, quase 1,9 milhão a menos que o estimado em fevereiro. Na comparação, os estoques de trigo caíram 1,28 milhão de toneladas, para 237,59 milhões, e os de soja recuaram 1,55 milhão de toneladas, para 78,87 milhões.

Nos três casos, as reduções foram relativamente pequenas e não foram influenciadas por mudanças previstas para os estoques americanos, o que gerou reações discretas sobre as cotações na bolsa de Chicago. Os papéis de segunda posição de entrega de trigo e soja até subiram ontem, de forma modesta, influenciados por sinais positivos no campo da demanda, mas nada capaz de causar alvoroço. No caso do milho, houve leve recuo.

A queda dos contratos do cereal com entrega em maio foi de 1 centavo de dólar, para US\$ 3,5950 por bushel. No trigo, a alta do mesmo vencimento foi de 3 cents, para US\$ 4,6825 por bushel, enquanto no de soja houve valorização de 1,25 centavo de dólar, para US\$ 8,8575 por bushel. Nos três mercados, são patamares bem inferiores aos de 2014, por exemplo.

Se o dólar forte explica pelo menos parte das quedas em Chicago, já que tira competitividade dos produtos americanos e "força" um reequilíbrio promovido pela baixa dos preços em moeda americana, outra parte da explicação pode ser encontrada nos "fundamentos".

Com os ajustes que efetuou no relatório divulgado ontem, o USDA passou a estimar que os estoques finais de trigo representarão 33,5% da demanda global em 2015/16. No ciclo 2014/15, o percentual ficou em 30,5%, e em 2013/14, quando as cotações estavam mais

elevadas, em 27,8%. Particularmente nos EUA, os estoques finais de trigo previstos para o encerramento da atual safra representam 81,6% da demanda total do país.

No tabuleiro do milho, as correções do USDA resultaram em estoques finais mundiais equivalentes a 21,4% da demanda em 2015/16, ante 20,9% em 2014/15 e 18,4% em 2013/14. No da soja, finalmente, os dados de ontem deixaram a relação em 25%, ante 25,8% em 2014/15 e 22,4% em 2013/14.

Diante desses números, traders se voltam para as primeiras perspectivas de plantio nos EUA no ciclo 2016/17 e também não encontram motivos para apostar em altas. Se não houver adversidades climáticas significativas, será outra temporada de cotações baixas.

---

### **Ministério da Agricultura trabalha em MP para permitir CRA em dólar. Cristiano Zaia – Valor Econômico. 10/03/2016.**

Com a estratégia de mudar a regulamentação de títulos financeiros do agronegócio como alternativa ao financiamento tradicional do crédito rural, o Ministério da Agricultura prepara uma Medida Provisória que permitiria a emissão de certificados de recebíveis do agronegócio (CRA) com lastro em moeda estrangeira.

A ideia da ministra Kátia Abreu é que a MP possa caminhar para o Congresso em breve, a tempo de ser aprovada antes do lançamento do Plano Safra 2016/17, previsto para meados de maio.

A Pasta trabalha numa minuta da medida que ainda depende de detalhes de texto para ser finalizada, mas já conta com o apoio do Banco Central e da Fazenda, informa uma fonte do governo que acompanha o assunto. Essa decisão atende a um apelo de produtores de commodities agrícolas, que passaram a se queixar mais frequentemente na atual Safra 2015/16 de dificuldades no acesso ao crédito rural em agências bancárias.

Como já mostrou o Valor no fim do ano passado, a ideia do governo é indexar esses títulos principalmente ao dólar para atrair investidores internacionais, estimulando a captação de recursos via mercado de capitais. Essa nova MP também deve especificar que as regras vão valer para estrangeiros “não residentes no Brasil” e que esses títulos precisam ter como referência produtos agrícolas negociados em bolsas de valores.

A estratégia chegou até a constar de uma emenda da deputada federal Tereza Cristina (PSB-MS) à MP 695, que ainda tramita no Legislativo. Contudo, como o Supremo

Tribunal Federal (STF) acabou determinando como ilegal emendas estranhas ao conteúdo principal de medidas provisórias, os chamados “jabutis”, o dispositivo foi retirado do texto.

A nova MP vem sendo afinada com membros da Frente Parlamentar da Agropecuária, mais conhecida como bancada ruralista do Congresso, o Ministério da Agricultura, da Fazenda, o Banco Central e entidades que reúnem produtores de soja e algodão. Até o ministro da Fazenda, Nelson Barbosa, deu carta branca para a equipe de Kátia Abreu avançar com a proposta, em reunião recente.

Os CRAs são títulos de dívida com lastro em operações do agronegócio, como a venda antecipada de soja no mercado futuro a tradings, por exemplo. A principal ideia da MP que vem sendo gestada pelo governo é permitir que esses papéis (CRA), que são isentos de imposto de renda e vêm sendo muito demandados por grandes empresas, garantam remuneração a investidores, porém, sem variação cambial.

Para isso, a medida vai prever que esse lastro, geralmente formado pelas populares Cédulas do produtor Rural (CPR), seja igualmente indexado em dólar. A emissão do CRA com base nessas CPR permite ao produtor antecipar recursos que só seriam recebidos após a entrega do produto, enquanto o investidor passa a correr o risco de crédito da trading.

A deputada Teresa Cristina conta que, paralelo à possível MP, ela protocolou no fim do ano passado um projeto de lei e ainda sugeriu mais emendas em outras medidas provisórias encaminhadas ao Congresso em 2016 para tentar aprovar essas mesmas regulamentações.

“Um CRA com segurança jurídica para investidores estrangeiros, como estamos propondo, traz condições de financiamento muito mais favoráveis ao produtor, acaba saindo mais barato do que o dinheiro que as tradings e o crédito tradicional”, disse a deputada. “Estou esperançosa de que essa ideia passe este ano ainda, inclusive vejo o governo mais confiante também”, concluiu.

Até o ano passado, entretanto, a proposta de emissão de CRA indexado em moeda estrangeira, sofria resistências do BC e da Fazenda, que temiam um excesso de “dolarização da economia”. Segundo essa fonte que acompanha as discussões, no entanto, essas resistências foram dirimidas.

**CNA, Embaixada Britânica e Embrapa lançam estudo inédito sobre pegada hídrica das cadeias produtivas de leite e carne – Site da CNA. 10/03/2016.**

Os técnicos do Projeto Pegada Hídrica, parceria entre CNA e Embaixada Britânica, realizaram um estudo com o levantamento de dados sobre a quantidade de água utilizada nas cadeias produtivas de carne e leite no Estado de São Paulo.

O estudo será divulgado no IV Simpósio de Produção Animal e Recursos Hídricos, que será realizado nos dias 22 e 23 de março, na Sede da Embrapa Pecuária Sudeste, no município de São Carlos, em São Paulo.

“É um estudo inédito no Brasil que vai mostrar o tamanho da pegada hídrica das duas cadeias produtivas e seus impactos na Bacia hidrográfica do Rio Preto-MG”, explica Gustavo Goretti, assessor técnico da Coordenação Técnica de Recursos Hídricos da CNA.

O levantamento dos dados da pegada hídrica foi realizado pela Embrapa Pecuária Sudeste e será apresentado pelo Consultor Albano Henrique de Araújo, no dia 23 de março. ([confira programação do evento](#)).

Albano Henrique explica que a pegada hídrica é a quantidade de água, direta e indiretamente, usada na produção de um produto. “A água está presente na calça jeans, no combustível, na carne, no leite, no papel. O quanto desse recurso é preciso até o produto chegar ao consumidor é um cálculo complexo. Conhecer o valor da pegada pode colaborar para evitar o desperdício e melhorar a gestão da água”, diz.

O Coordenador Técnico de Sustentabilidade da CNA, Nelson Ananias, também participa do evento e acompanhou a elaboração do levantamento dos dados do Projeto Pegada Hídrica. “O custo da oportunidade da água é diferente por região. Uma árvore frutífera produzida na região Amazônica, onde a água é abundante, é relativamente menos impactante e mais barato que uma árvore frutífera produzida na Caatinga, onde há escassez de água, por exemplo. Esse estudo sobre as cadeias produtivas de carne e leite vão levar informações ao produtor e à sociedade sobre esse cálculo da utilização da água. Os impactos sobre a Bacia do Rio Preto é uma análise fundamental, pois tem grande representatividade nas cadeias de carne e leite bovinos do no Brasil”, explica Nelson Ananias.

## Cartilhas

O Projeto Pegada Hídrica, assinado entre CNA e Embaixada Britânica, acontece desde maio de 2015 e está previsto para terminar em março deste ano. Para finalizar o projeto, o Sistema CNA/SENAR vai lançar duas Cartilhas com informações técnicas aos produtores rurais de todo o Brasil sobre os temas:

- Manejo da água na Agropecuária
- Captação da água de chuva e Armazenamento em Cisterna para uso na produção animal

Sobre o IV Simpósio de Produção Animal e Recursos Hídricos- SPARH  
O evento será realizado nos dias 22 e 23 de março de 2016, na Sede da Embrapa, em São Carlos, São Paulo.

Com promoção e realização da Embrapa Pecuária Sudeste, o SPARH tratará das principais questões produtivas, ambientais, sociais e econômicas relacionadas às produções produção animais animal e os recursos hídricos.

O evento trará especialistas internacionais para apresentar as experiências em manejo hídrico e produção animal em seus países. Especialistas nacionais tratarão de temas como coleta e análises de água, irrigação de pastagens e uso de resíduos como fertilizante.

---

## **USDA confirma cenário de estoque 'folgado' de grãos. Mariana Caetano, Fernanda Pressinott e Fabiana Batista – Valor Econômico. 10/03/2016.**

Ainda que o Departamento de Agricultura dos EUA (USDA) tenha reduzido suas projeções para os estoques globais de milho, trigo e soja ao término desta safra 2015/16, as relações entre as reservas e as demandas de cada mercado permaneceram em níveis confortáveis e reforçaram a expectativa de que a pressão sobre as cotações dessas commodities ainda está longe de arrefecer.

A partir das correções efetuadas pelo USDA em relatório divulgado ontem, os estoques finais de milho foram reduzidos para 206,97 milhões de toneladas, quase 1,9 milhão a menos que o estimado em fevereiro. Na comparação, os estoques de trigo caíram 1,28 milhão de toneladas, para 237,59 milhões, e os de soja recuaram 1,55 milhão de toneladas, para 78,87 milhões.

Nos três casos, as reduções foram relativamente pequenas e não foram influenciadas por mudanças previstas para os estoques americanos, o que gerou reações discretas sobre as



cotações na bolsa de Chicago. Os papéis de segunda posição de entrega de trigo e soja até subiram ontem, de forma modesta, influenciados por sinais positivos no campo da demanda, mas nada capaz de causar alvoroço. No caso do milho, houve leve recuo.

A queda dos contratos do cereal com entrega em maio foi de 1 centavo de dólar, para US\$ 3,5950 por bushel. No trigo, a alta do mesmo vencimento foi de 3 cents, para US\$ 4,6825 por bushel, enquanto no de soja houve valorização de 1,25 centavo de dólar, para US\$ 8,8575 por bushel. Nos três mercados, são patamares bem inferiores aos de 2014, por exemplo.

Se o dólar forte explica pelo menos parte das quedas em Chicago, já que tira competitividade dos produtos americanos e "força" um reequilíbrio promovido pela baixa dos preços em moeda americana, outra parte da explicação pode ser encontrada nos "fundamentos".

Com os ajustes que efetuou no relatório divulgado ontem, o USDA passou a estimar que os estoques finais de trigo representarão 33,5% da demanda global em 2015/16. No ciclo 2014/15, o percentual ficou em 30,5%, e em 2013/14, quando as cotações estavam mais elevadas, em 27,8%. Particularmente nos EUA, os estoques finais de trigo previstos para o encerramento da atual safra representam 81,6% da demanda total do país.

No tabuleiro do milho, as correções do USDA resultaram em estoques finais mundiais equivalentes a 21,4% da demanda em 2015/16, ante 20,9% em 2014/15 e 18,4% em 2013/14. No da soja, finalmente, os dados de ontem deixaram a relação em 25%, ante 25,8% em 2014/15 e 22,4% em 2013/14.

Diante desses números, traders se voltam para as primeiras perspectivas de plantio nos EUA no ciclo 2016/17 e também não encontram motivos para apostar em altas. Se não houver adversidades climáticas significativas, será outra temporada de cotações baixas.

---

### **Conab quer promover intercâmbio do Brasil com a Espanha para melhorar mercado de frutas e verduras – Site da CONAB. 10/03/2016.**

Em encontro realizado esta semana com representantes da Embaixada da Espanha, técnicos da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), da área de Modernização do Mercado Hortigranjeiro, propuseram uma parceria para realização de seminários e

troca de experiência na produção e comercialização de frutas e verduras nas centrais de abastecimento (Ceasas) do Brasil.

O objetivo do convite feito pela Conab é trazer os recursos técnicos utilizados com eficiência na Espanha em benefício desse segmento agrícola, com vistas sobretudo à redução de perdas no transporte de produtos, além da modernização e agregação de valor. A transferência de tecnologia e de conhecimento visa favorecer produtores de pequeno porte, caso dos familiares, organizados em associações e cooperativas.

Na Europa, a produção e comercialização de frutas e verduras é modelo para muitos países, destaca o superintendente de Abastecimento Social da Conab, Newton Jr. Foi a partir da experiência da Espanha que Brasil criou as Ceasas. O diretor de Operações e Abastecimento da Companhia, Igo dos Santos Nascimento, acredita nesta parceria como forma de agregar valor ao mercado de hortigranjeiros. Entre as ações previstas, está a capacitação em práticas agrícolas e pós-colheita dos produtos.

A comercialização de frutas e verduras nos principais entrepostos do Brasil movimentou no ano passado mais de 65 milhões de toneladas de produtos. Só nas Ceasas foram cerca de 16 milhões, com uma arrecadação de R\$ 30 bilhões. "Se considerarmos as perdas de 30% e a produção não comercializada, o movimento nas centrais de abastecimento corresponde a, aproximadamente, 40% da produção comercializada no país", enfatiza Júnior.

Estiveram presentes no encontro Luis Benito Ruiz, Lucio Carbajo Goñi, Maria Amelia Guzmán, todos ligados à área de agricultura, alimentação e meio ambiente e comercialização da Espanha, além do ministro Milton Randó, do Ministério das Relações Exteriores, Osório Coelho, da Secretaria de Inclusão Social do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação, e assessores.

---

### **Receita com embarques de café caiu 23,1%. Fernanda Pressinott – Valor Econômico. 11/03/2016.**

O Brasil exportou 2,78 milhões de sacas de café em fevereiro, alta de 1,5% sobre o mesmo intervalo de 2015, informou ontem o Conselho dos Exportadores de Café do Brasil (Cecafé). A receita com os embarques no mês, porém, teve forte queda, de 23,1% na comparação anual, para US\$ 411,43 milhões, devido ao menor preço do café na

exportação. Em fevereiro, o valor médio foi de US\$ 147,72 por saca, 24,3% menos que em igual período de 2015.

Do total exportado, 2,43 milhões de sacas foram de café arábica, aumento de 9,3% sobre fevereiro de 2015. Já os embarques de conilon tiveram forte queda, de 73,3%, para 67,59 mil sacas em fevereiro. As exportações de café industrializado subiram 7,5% e alcançaram 283 mil sacas.

De acordo com o Cecafé, no acumulado da safra 2015/16 (iniciada em julho), os embarques de café do Brasil cresceram 0,5% na comparação com igual período da safra 2014/15 e somaram 24,75 milhões de sacas. Desse total, 20,36 milhões de sacas foram café arábica e 2,03 milhões de conilon.

---

### **Brasil e EUA negociam abertura do mercado de carne bovina. Inez De Podestà – Site do MAPA. 11/03/2016.**

Expectativa do Mapa é que as tratativas sejam concluídas no fim deste primeiro semestre. Os governos do Brasil e dos Estados Unidos devem concluir, ainda neste primeiro semestre, a abertura recíproca de mercados à carne bovina resfriada e congelada. Segundo a secretária de Relações Internacionais do Agronegócio do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa), Tatiana Palermo, ainda restam negociações sobre saúde pública para a habilitação do Brasil à exportação de carne bovina in natura aos EUA.

A secretária destaca que o “boi verde”, como é conhecido o gado brasileiro, produz uma carne saudável, com baixo teor de gordura, indo ao encontro de tendências de consumo nos mercados mais seletivos do mundo, como o norte-americano.

As tratativas entre os dois países vão resultar na definição de um modelo de Certificado Sanitário Internacional para amparar os embarques do produto e a habilitação pelos Estados Unidos, com base em indicação prévia do Mapa dos estabelecimentos brasileiros exportadores (pre-listing).

Os Estados Unidos publicaram a norma autorizando a importação de carne bovina in natura de 13 estados brasileiros (Bahia, Espírito Santo, Goiás, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Paraná, Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro, Rondônia, São Paulo, Sergipe, Tocantins) e do Distrito Federal, em junho do ano passado, quando a ministra

Kátia Abreu (Agricultura, Pecuária e Abastecimento) negociou com o governo americano o fim de uma restrição de 15 anos.

O pedido para exportação de carne bovina in natura brasileira para os Estados Unidos foi feito em 1999. Desde então, o Brasil e os EUA trocaram diversas informações sobre os controles brasileiros em saúde animal.

Os Estados Unidos são o maior produtor e consumidor mundial de carne bovina. Em 2015, o país produziu 10,9 milhões de toneladas, ou 18,58% do total mundial de 58,4 milhões de toneladas. Os norte-americanos consomem 11,4 milhões de toneladas, ou 20,2% do consumo mundial de 56,5 milhões de toneladas.

#### Potencial

No período de 2011 a 2015, as importações de carne bovina fresca e congelada dos EUA cresceram na ordem de 67%, saltando de 933 mil toneladas para 1,56 milhão de toneladas. Os números levantados pelo adido agrícola do Brasil nos EUA, Luiz Claudio Caruso, demonstram o potencial do mercado de carne bovina dos EUA.

Cerca de 12% a 15% da carne consumida nos EUA é importada de outros países. São produtos mais magros, de animais alimentados a pasto. Isso porque o gado americano produzir uma carne com alto percentual de gordura que dificulta sua utilização na produção de carne moída, principalmente, para hambúrguer.

O Brasil é o segundo maior produtor mundial e o maior exportador de carne bovina do mundo. “O país é um exemplo para o mundo de como produzir de forma sustentável, garantindo um produto de qualidade e com escala capaz de suprir qualquer mercado consumidor do mundo”, enfatiza Tatiana Palermo.

“Espera-se que a abertura do mercado norte-americano seja mais um passo na busca do setor pecuarista em se consolidar como o maior e melhor produtor de carnes do mundo”, diz a secretária.

---

#### **Programa Terra Legal em debate na Conferência do Banco Mundial – Site do MDA. 14/03/2016.**

Experiências desenvolvidas no Programa Terra Legal serão discutidas em quatro momentos da 17ª Conferência Anual do Banco Mundial sobre Terra e Pobreza. Com o tema ‘Intensificação da Governança Responsável da Terra’, o evento, este ano, ocorre

entre os dias 14 e 18 de março, em Washington, nos Estados Unidos. Os participantes debaterão formas de garantir inclusão, sustentabilidade e confiabilidade na governança da terra como condições essenciais para o cumprimento dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS).

A importância de participar em evento deste porte é enfatizada por Sérgio Lopes, secretário extraordinário de Regularização Fundiária da Amazônia Legal (Serfal/MDA). “São oportunidades para diálogo, aprendizagem mútua e ação conjunta”, diz o secretário. “Mais do que mostrar a experiência adquirida pelo Programa, nosso representante no evento fará contatos, identificando contribuições para o Simpósio da Terra, que o Ministério do Desenvolvimento Agrário realizará no segundo semestre de 2016”.

### **Inovações para atuar em larga escala**

“Em 2016, com a Feira de Inovações, a Conferência está privilegiando soluções tecnológicas que possam melhorar a governança da terra em larga escala”, explica Eduardo Oliveira, que representará a equipe do Terra Legal na Conferência. Nessa área, o Brasil possui iniciativas relevantes para mostrar, que são as ações empreendidas na regularização fundiária das terras públicas federais da Amazônia Legal.

No dia 15 de março, Eduardo Aguilar compartilhará informações sobre o Sistema de Gestão Fundiária (Sigef) Destinação, que está prestes a ser lançado, com colegas da Suécia, Quênia e Etiópia na mesa redonda ‘Sistemas de Informação sobre Terras para a Manutenção de Direitos’. O Sigef Destinação é um sistema informatizado criado para facilitar a instrução dos processos de regularização fundiária rural e urbana, válido também para terras destinadas pelo Programa Terra Legal à criação de unidades de conservação, florestas públicas e terras indígenas. “No dia 17 de março, discutindo novas abordagens sobre a posse da terra na América Latina, será a vez de mostrarmos os aprimoramentos do Sigef Geo. Este sistema de cadastro e georreferenciamento já foi apresentado, em Washington, em 2015, e recebeu diversos prêmios da administração pública”, completa Eduardo Oliveira.

### **Pré-condição para a defesa das florestas e a legalidade da produção**

O Terra Legal também estará presente em dois momentos de caráter político. No dia 16 de março, em mesa sobre os desafios de implementar compromissos para a proteção de florestas, haverá a apresentação de um *paper* produzido pelas equipes do Programa e da Cooperação Alemã para o Desenvolvimento Sustentável (GIZ) sobre as iniciativas

voltadas a harmonizar o marco legal e intensificar o diálogo com os diversos segmentos relacionados à regularização fundiária e ambiental da Amazônia brasileira.

Outra mesa, com participantes do Brasil e da Indonésia, discutirá opções para a produção sustentável de *commodities*, principalmente de carne bovina e óleo de palma. Conforme salienta Eduardo Oliveira, “o Terra Legal realiza ações que constituem pré-condições para a legalidade da produção, o que faz bem aos negócios”. Ele cita como exemplo, a atuação integrada do Programa com os órgãos ambientais na regularização fundiária e ambiental.

“Graças às inovações que o Terra Legal está produzindo”, diz Sérgio Lopes, “entramos no circuito internacional da governança da terra. Isso nos permite trocas de experiências e captação de recursos, visando modernizar, simplificar, dar celeridade e total transparência à governança de terras na Amazônia Legal. Afinal, queremos tornar a legalidade mais atrativa que a ilegalidade”.

---

**Agricultura Familiar brasileira na África do Sul. Adolfo Brito – Site do MDA. 14/03/2016.**

Agricultores familiares brasileiros que tiverem interesse em mostrar seus produtos na Feira Internacional da África do Sul - Saitex 2016 têm até o dia 03 de abril para fazer a inscrição para participar do processo seletivo. Até oito expositores serão escolhidos para participar do evento que será realizado entre os dias 19 e 21 de junho em Joanesburgo. A seleção dos empreendimentos será feita por uma comissão específica para este fim, composta de servidores do Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA) da Assessoria Internacional e da Secretaria de Agricultura Familiar.

Para se inscrever é preciso que o empreendimento familiar possua Declaração de Aptidão ao Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (DAP) jurídica. Também, é preciso que a cooperativa tenha capacidade de exportação, mesmo que nunca tenha exportado seus produtos para outro país. O resultado com o nome dos selecionados deve ser divulgado no dia 15 de abril.

A Saitex é uma feira que envolve diversos setores, facilitando o comércio internacional com a África. Segundo a analista técnica de Políticas Sociais do MDA, Heloísia Fontes, esse evento, em particular, é uma excelente oportunidade para quem nunca expôs fora do Brasil ter sua primeira experiência. Ela explica que, apesar de grande, o evento é menos restritivo a quem queira participar, quando comparado a outras feiras. “É uma

oportunidade de ser ter uma experiência em ambiente de negociação internacional, apresentar seus produtos e também conhecer outros”.

Ela ressalta que a feira tem como objetivo celebrar negócios, promover a imagem e os produtos da agricultura familiar brasileira e, também, dar a oportunidade aos agricultores familiares de trocar experiências e conhecer outras formas de produção, de gestão e outros produtos.

### **Apoio**

Os oito empreendimentos selecionados vão expor seus produtos no estande ‘Brasil Family Farming’, exclusivo para a agricultura familiar. Eles receberão auxílio para as passagens e hospedagem. Além disso, cada um contará com um tradutor exclusivo, que lhe dará apoio durante todo evento. Terão apoio, também, da embaixada do Brasil na África do Sul, por meio do seu setor econômico, que prestará suporte aos agricultores familiares brasileiros, com informações sobre especificidades daquele mercado.

---

### **Avança negociação de carne suína brasileira para a Coreia do Sul. Inez De Podestà – Site do MAPA. 14/03/2016.**

Coreanos entregam ao Mapa proposta de requisitos sanitários para importação do produto

A primeira secretária da Embaixada da República da Coreia, Sewon Kim, entregou a proposta dos requisitos sanitários para a exportação da carne suína brasileira à secretária de Relações Internacionais do Agronegócio do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa), Tatiana Palermo.

“É um avanço muito grande nas negociações que começaram em 2004, quando a Coreia do Sul ainda tinha uma legislação que não reconhecia a regionalização para a febre aftosa e exigia que o país como um todo fosse livre da doença”, enfatizou Tatiana Palermo. “Em 2008, o governo coreano alterou sua legislação, reconhecendo o princípio da regionalização e, a partir daí, iniciaram-se as análises de risco para a importação da carne suína brasileira.”

O Ministério da Agricultura verificará as exigências propostas pelo país asiático para dar continuidade às negociações. Em seguida, o governo coreano realizará consulta pública e, caso não haja nenhum impedimento, serão publicados os requisitos finais para exportação de carne suína do Brasil para a Coreia do Sul.

O passo seguinte é a emissão do certificado sanitário internacional. O Brasil também enviará a lista de estabelecimentos exportadores que cumprem com os requisitos acordados para que os técnicos coreanos possam realizar a missão de auditoria.

A ministra Kátia Abreu (Agricultura, Pecuária e Abastecimento) deve visitar em junho deste ano Seul, capital da Coreia do Sul. A expectativa é que os requisitos finais para a venda de carne suína sejam publicados durante a visita. Para o Brasil, a abertura desse mercado pode resultar em negócios da ordem de US\$ 153,6 milhões por ano.

#### Negociações

A secretária de Relações Internacionais do Agronegócio também recebeu, em Brasília, o representante de Taiwan no Brasil, Isaac Tsai. Durante o encontro, Tatiana Palermo lembrou as negociações que estão em andamento para a abertura do mercado de carne de frango brasileira àquele país.

A comitiva chinesa convidou a ministra Kátia Abreu para visitar o país e conhecer o sistema de produção agrícola, especialmente de frutas, verduras e legumes. Segundo Isaac Tsai, Taiwan tem larga experiência na produção desses produtos para exportação e tem interesse em firmar uma cooperação na área da aquicultura com o Brasil.

---

#### **Radicado em Goiás, grupo neozelandês tem forte avanço. Alda do Amaral Rocha – Valor Econômico. 14/03/2016.**

A Fazenda Colorado continuou na liderança dos 100 maiores produtores de leite do país em 2015, conforme o levantamento da MilkPoint. A fazenda faz parte da mesma holding que controla o Laticínios Xandó. Mas o ranking teve mudanças importantes e grupos que se destacaram pelo avanço em relação a 2014.

O grupo neozelandês Kiwi, com fazendas em Goiás, foi o que registrou maior crescimento absoluto na produção - aumento médio de 13.573 litros por dia, ou 100,7% a mais que no levantamento anterior. De acordo com a MilkPoint, esse crescimento ocorreu porque o grupo colocou outra fazenda de leite em operação. Com isso, o grupo subiu 27 posições no ranking, para o 12º lugar.

Outro destaque foi grupo Melkstad, de Carambeí (PR), cuja produção teve aumento médio de 8.782 litros por dia, para 17.982 mil litros. Marcelo Carvalho, da MilkPoint, destaca que o grupo saiu de 84ª posição em 2014 para 24ª no levantamento relativo ao



ano passado. O relatório com o ranking dos 100 maiores também põe os holofotes sobre a Sekita Agronegócios, que produz em Minas Gerais, e teve aumento médio na produção de 7.524 litros por dia, saindo do sexto para o quarto lugar na lista.

Conforme o levantamento, Minas Gerais continua sendo o Estado com maior número de fazendas no ranking. A raça holandesa também seguiu sendo a mais utilizada nas propriedades (estava em 76 fazendas; eram 70 em 2014). Já a raça girolando estava presente 35 propriedades.

A pesquisa mostra ainda que 49% das fazendas de leite criam o rebanho de leite sob confinamento total, enquanto 19% têm sistemas baseados em pastagens. Uma fatia de 34% utilizam sistemas mistos. Duas propriedades informaram utilizar dois sistemas de produção, com parte do rebanho em confinamento e o outra parte alimentada a pasto.

Para realizar a pesquisa, a MilkPoint utilizou sua base de dados e fez um levantamento preliminar, por meio de contribuições ao seu site, sobre as fazendas que poderiam estar entre as 100 maiores. Foi usado como critério uma produção mínima diária de 7.500 litros. Para se chegar à média diária, foi considerada a produção comercializada em 2015. Os produtores selecionados foram consultados individualmente para confirmar dados. Em relação à pesquisa de 2014, houve algumas alterações: cinco produtores optaram por não participar, 10 ficaram abaixo dos 100 maiores, dois não produzem mais leite e 17 novos produtores entraram no ranking.

---

### **Catar suspende embargo à carne bovina brasileira. Fernando Lopes – Valor Econômico. 15/03/2016.**

O Ministério da Agricultura acaba de informar que o Catar suspendeu o embargo que mantinha à carne bovina brasileira desde o fim de 2012, quando foi confirmado um caso atípico da doença da “vaca louca” no Paraná.

Segundo a Secretaria de Relações Internacionais do Agronegócio do ministério, essa reabertura tem potencial para gerar embarques anuais de 1,8 mil toneladas por ano, ou cerca de US\$ 10 milhões. Em 2011, o Catar importou 576 toneladas de carne bovina do Brasil, ou US\$ 3,8 milhões.

---

**Sistema FARSUL divulga levantamento das exportações de fevereiro – Site da CNA. 15/03/2016.**

A Assessoria Econômica do Sistema FARSUL divulgou o Relatório de Comércio Exterior do Agronegócio do Rio Grande do Sul do mês de fevereiro de 2016. O levantamento aponta o setor como responsável por 61,9% das exportações do estado. O total comercializado pelo agronegócio foi de US\$ 531 milhões, fechando sua Balança Comercial com um resultado de US\$ 456 milhões.

O resultado representou uma queda de 1,66% na comparação com fevereiro de 2015, muito em função dos números relacionados ao Trigo, que no ano passado registrou exportação acima da média. "O Trigo foi responsável por mais da metade das exportações do RS em fevereiro de 2015, por isso a base de comparação não é muito justa. As exportações foram melhores distribuídas neste ano, com crescimento em quase todos os produtos", afirma Antônio da Luz, economista-chefe do Sistema FARSUL. Carnes (5,6%), Arroz (7,6%), Fumo (10,3%) e setor Lácteo (16,8%) foram alguns dos grupos que registraram crescimento.

Em comparação com o mês de janeiro/2016, houve um aumento de 5,5% no valor exportado, de US\$ 503 milhões para US\$ 531 milhões. Entre janeiro e fevereiro deste ano, o Rio Grande do Sul exportou US\$ 1,035 bilhão em mercadorias do agronegócio, queda de 9,4% em relação ao mesmo período do ano passado. O volume exportado foi de 1,543 milhões de toneladas, queda de 18,9% em relação a 2015.

A China aparece como o principal parceiro comercial das exportações do RS em fevereiro, com US\$ 75 milhões, ou seja, 14,2% do total. Na sequência aparecem Estados Unidos, com US\$ 59 milhões, e Rússia, com US\$ 24 milhões.

---

**Catar anuncia fim ao embargo à carne bovina brasileira. Viviane Novaes – Site do MAPA. 15/03/2016.**

Potencial de exportação é estimado em US\$ 10 milhões

O Ministério dos Negócios Estrangeiros do Catar comunicou o fim do embargo à carne bovina brasileira ao Ministério das Relações Exteriores. A suspensão das compras havia sido decidida depois da divulgação de um caso atípico de doença da vaca louca em 2012.

De acordo com a Secretaria de Relações Internacionais do Agronegócio (SRI), do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, com a retomada das exportações, o potencial é de US\$ 10 milhões de dólares ou 1,8 mil toneladas ao ano.

O Catar é um emirado do Oriente Médio, que faz fronteira com a Arábia Saudita e o Golfo Pérsico. Em 2011, o país comprou do Brasil US\$ 3,77 milhões de dólares de carne bovina in natura (ou 576 toneladas).

O fim do embargo foi decidido depois da avaliação do Comitê do Ministério da Saúde Pública do Catar e segue o caminho da Arábia Saudita, que decidiu retomar as compras de carne bovina brasileira em novembro do ano passado, quando a ministra Kátia Abreu esteve no país.

Segundo o secretário interino da SRI, Odilson Silva, todos os países do Conselho de Cooperação do Golfo Pérsico – entre eles o Catar – seguem as medidas sanitárias da Arábia Saudita. Quarenta e nove frigoríficos brasileiros já foram habilitados para exportar para o país árabe.

---

### **Embarques de café torrado e moído mantêm crescimento. Inez De Podestà – Site do MAPA. 15/03/2016.**

EUA e países latinos são os principais compradores do produto brasileiro

As exportações de café torrado e moído cresceram 41,1% em faturamento e 21,7% em volume no primeiro bimestre do ano, em relação ao mesmo período de 2015. Os dados são do Informe Estatístico do Café, publicado mensalmente pela Secretaria de Política Agrícola (SPA) do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa).

Apesar da quantidade de café torrado e moído ainda ser pequena – 4,5 mil sacas de 60 Kg–, o produto exportado vem se recuperando desde 2014, com aumento de 5,9% nos dois primeiros meses deste ano. O café solúvel também apresenta crescimento de 4,3% nesse período, segundo Airton Camargo, assessor do Departamento de Crédito, Recursos e Riscos da SPA.

Os principais importadores do grão torrado e moído são os Estados Unidos e países da América do Sul, como Bolívia, Uruguai, Paraguai, Chile e Argentina.

De acordo com a publicação online, a quantidade total exportada (verde, solúvel, torrado e moído, outros extratos e casca e películas) nestes dois primeiros meses do ano é igual

ao do mesmo período de 2015, de 5,76 milhões de sacas, o equivalente a US\$ 851,1 milhões. Camargo diz que, neste aspecto, o valor reflete mais um ano positivo para o setor da cafeicultura nacional.

Os tradicionais importadores do café brasileiro se mantiveram no período estudado: EUA, Alemanha, Itália, Japão e Bélgica.

Os números estimados para a nova safra (50,5 milhões de sacas, conforme a Conab) recuperam a participação do Brasil na produção mundial, passando de 30,1% para 35,2%.

Além dos dados de produção, o Informe Estatístico do Café, traz números da área plantada, produtividade, consumo interno, estoques públicos e privados, preços e o ranking de produção e consumo mundiais.

---

### **Cota adicional pode elevar exportações de açúcar brasileiro ao mercado norte-americano. João Carlos Rodrigues – Site do MAPA. 16/03/2016.**

EUA anunciam que país tem direito a embarcar mais 13,1 mil toneladas em 2016

O Brasil poderá exportar este ano para os Estados Unidos mais 13,1 mil toneladas de açúcar em bruto (cerca de US\$ 4 milhões), além das 155,7 mil toneladas (equivalente a US\$ 48 milhões) previstas inicialmente. A informação é da Secretaria de Relações Internacionais do Agronegócio (SRI) do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa).

Após fazer consulta aos países detentores de cotas preferenciais, o Escritório do Representante de Comércio dos Estados Unidos identificou 86.533 toneladas em cotas não preenchidas do produto e as redistribuiu entre 26 exportadores.

Assim, os EUA anunciaram a cota adicional de 13,1 mil toneladas de açúcar em bruto para o Brasil, porque alguns países exportadores não estão conseguindo cumprir o volume que poderiam vender para aquele mercado.

O Brasil foi um dos principais beneficiados na distribuição da cota adicional, além de Filipinas, Austrália e República Dominicana.

O mercado brasileiro também se destaca como um dos tradicionais fornecedores de açúcar em bruto aos EUA. Em 2015, o produto do Brasil ocupou a segunda posição em

valores importados pelos EUA (US\$ 108 milhões), e terceira, em quantidade importada (222 mil toneladas).

---

### **Exportação de soja cairá 10%, diz indústria. Fernando Lopes – Valor Econômico. 16/03/2016.**

A Associação Brasileira da Indústria de Óleos Vegetais (Abiove) elevou suas estimativas para a produção de soja em grão e para a receita das exportações da matéria-prima e seus derivados (farelo e óleo de soja) em 2016.

Em relatório mensal divulgado ontem, a entidade passou a prever a colheita do grão nesta safra 2015/16 em 99,7 milhões de toneladas, 1,2 milhão de toneladas a mais que o calculado em fevereiro e volume 2,8% superior ao do ciclo 2014/15, até agora um recorde.

No cenário traçado pela Abiove, boa parte dessa maior oferta será destinada às exportações. Os embarques do produto foram ajustados para 55,3 milhões de toneladas, um recorde 800 mil maior que o projetado no mês passado e volume 1,8% mais elevado que o registrado na temporada passada.

Outra parte do aumento da colheita alimentará os estoques finais, que agora estão estimados em 2,731 milhões de toneladas do grão, 4,9% acima de 2014/15.

A previsão da Abiove para o volume de soja que será processado para a produção de farelo e óleo em 2016 foi mantida em 40,7 milhões de toneladas, mas houve mudanças também nos quadros dos derivados.

No caso do farelo, a projeção para o consumo doméstico em 2016 "ganhou" 200 mil toneladas e foi a 15,7 milhões, ainda 2% menos que em 2015. Já a estimativa para as exportações "perdeu" 200 mil toneladas e caiu para 15,2 milhões, um aumento de 2,7% em igual comparação.

No tabuleiro do óleo, o consumo interno em 2016 ficou 100 mil toneladas menor (6,5 milhões, 0,3% menos que em 2015) e as exportações se tornaram 100 mil toneladas maiores (1,5 milhão de toneladas, ainda em queda de 9,9% sobre o ano passado).

As alterações promovidas pela Abiove no quadro das exportações "engordaram" a previsão para a receita dos embarques totais do chamado "complexo soja" (inclui grão, farelo e óleo). A entidade passou a estimar, no total, US\$ 25,331 bilhões em 2016, US\$

306 milhões a mais que o calculado em fevereiro. Mesmo assim, a queda em relação a 2015 chega a quase 10%.

Apesar dos aumentos dos volumes de grão e de farelo que deverão ser destinados ao mercado externo em 2016, a tendência de baixa dos preços desses produtos - e também do óleo - no mercado internacional ainda fala mais alto e prejudica a receita dessas vendas.

Se confirmada, será a terceira retração anual consecutiva da receita dos embarques do "complexo". O Brasil lidera as exportações globais de soja em grão.

---

**OIE aceita pedido de reconhecimento internacional de laboratório do ministério. Cláudia Lafetá – Site do MAPA. 16/03/2016.**

Habilitação do Lanagro de São Paulo será para diagnóstico de influenza aviária e doença de Newcastle

A Organização Mundial de Saúde Animal (OIE) aceitou o pedido de reconhecimento do Laboratório Nacional Agropecuário (Lanagro) de São Paulo, do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa), como referência internacional em diagnóstico de influenza aviária (gripe aviária) e doença de Newcastle. Isso significa que todas os diagnósticos feitos pelo laboratório terão validade mundial, o que dispensará o envio de amostras para outros países.

A solicitação, encaminhada pelo Mapa, será votada em maio deste ano pela assembleia mundial da OIE. A expectativa é o pedido seja aprovado pelos 180 países-membros da instituição.

“Essa conquista não é apenas do Mapa, mas também de toda a sociedade brasileira, especialmente do setor avícola”, destacou o secretário de Defesa Agropecuária do Mapa, Luís Rangel. “Não há dúvidas de que o tamanho da avicultura brasileira e sua importância para a economia do país justificam a existência de um laboratório de referência mundial para o diagnóstico da doença de Newcastle e influenza aviária no Brasil.” Nos últimos anos, o governo federal investiu cerca de R\$ 4 milhões por ano para manutenção de atividades da unidade de sanidade aviária, além de aquisição de equipamentos. Em 2006, por exemplo, foram aplicados mais de R\$ 1,2 milhão em equipamentos para implantação do laboratório de biologia molecular. A obra do novo laboratório teve um custo aproximado de R\$ 27 milhões.

Hoje, não há laboratório algum de referência em influenza aviária e Newcastle na América Latina. De acordo com Rangel, a partir de agora, os países latinos passam a contar com um centro de referência mais próximo.

A doença causada pelo vírus influenza é contagiosa e atinge aves silvestres (aquáticas principalmente) e domésticas. O diagnóstico da influenza aviária e da doença de Newcastle, ambas enfermidades de notificação obrigatória, baseia-se em sinais clínicos, aspectos zootécnicos e resultados de análises laboratoriais.

O Brasil é considerado livre de influenza aviária. Segundo o Departamento de Saúde Animal, o monitoramento constante dos plantéis avícolas, a notificação de qualquer caso suspeito e a adoção de medidas de biossegurança são indispensáveis à prevenção e detecção precoce dessas doenças.

---

#### **EUA e derivativos levam JBS ao prejuízo no 4º tri. Luiz Henrique Mendes – Valor Econômico. 17/03/2016.**

O desempenho mais fraco nos Estados Unidos, as despesas com derivativos utilizados para proteção cambial e outras despesas não recorrentes levaram a JBS a encerrar o quarto trimestre de 2015 com prejuízo líquido de R\$ 275,1 milhões. Em igual intervalo de 2014, a companhia havia registrado um lucro de R\$ 618,8 milhões.

A despeito do prejuízo registrado nos últimos três meses do ano passado, a JBS teve o melhor resultado da história no acumulado de 2015. No período, a companhia lucrou R\$ 4,640 bilhões, incremento de 127,9% na comparação com os R\$ 2,035 bilhões do ano anterior.

Impulsionada pelo impacto positivo do dólar mais valorizado sobre as operações no exterior e suas exportações, a receita líquida da JBS totalizou R\$ 47,161 bilhões no quarto trimestre do ano passado, montante 37,5% superior aos R\$ 43,028 bilhões de igual período de 2014. Em todo o ano de 2015, a JBS teve uma receita líquida de R\$ 162,9 bilhões, avanço de 35,2% sobre o exercício anterior. Em receita, a JBS é maior companhia privada não financeira do Brasil.

O resultado da JBS no quarto trimestre foi pressionado pelo desempenho das operações nos EUA. Enquanto o segmento de carne de frango (Pilgrim's Pride) foi afetado pelos diversos embargos que os americanos sofreram em razão do surto de gripe aviária, a

operação de bovinos sofreu impacto dos preços altos dos animais para abate. No Brasil, a empresa apresentou melhores resultados na divisão de bovinos e margens positivas na área de alimentos processados (JBS Foods), mas isso não foi suficiente para compensar o desempenho mais fraco nos EUA, onde a empresa obtém cerca de 50% de suas vendas.

Diante disso, o lucro antes de juros, impostos, depreciação e amortização (Ebitda, na sigla em inglês) da JBS somou R\$ 3,131 bilhões no quarto trimestre, queda de 4,8% na ante os R\$ 3,289 bilhões do mesmo intervalo de 2014. Com isso, a margem Ebitda da JBS caiu três pontos percentuais em igual base de comparação, saindo de 9,6% para 6,6%.

No lado financeiro, as despesas com os derivativos usados para proteção contra a variação cambial também totalizaram R\$ 1,335 bilhão no último trimestre de 2015. A JBS informou que teve, no período, despesas não recorrentes de R\$ 460,6 milhões "referentes ao projeto de realinhamento global das plataformas regionais e liquidação de créditos tributários no Brasil".

No fim de 2015, a dívida líquida da JBS somava R\$ 47,038 bilhões, 12% acima dos R\$ 41,707 bilhões reportados no fim de setembro. Com isso, o índice de alavancagem (relação entre dívida líquida e Ebitda em doze meses) da empresa atingiu 3,18 vezes em 31 de dezembro, ante as 2,55 vezes reportadas no fim de setembro. De acordo com a JBS, a alavancagem "pro forma", que considera os resultados das empresas que foram adquiridas pela companhia ao longo do ano passado, seria de 2,91 vezes.

---

### **Ministra discute com produtores aumento da exportação e sanidade das frutas. Priscilla Mendes – Site do MAPA. 17/03/2016.**

Kátia Abreu disse que Mapa está preparado para ajudar setor a remover barreiras externas. O aumento das exportações e a sanidade das frutas foram os principais assuntos levados pelo setor da fruticultura à ministra Kátia Abreu (Agricultura, Pecuária e Abastecimento). Ela destacou o grande interesse estrangeiro por alimentos funcionais brasileiros e reforçou o compromisso da pasta com a defesa agropecuária dos pomares.

A ministra recebeu nesta quarta-feira (16) representantes de onze entidades de todo o país para ouvir as demandas do setor, sob coordenação da Associação Brasileira dos Produtores Exportadores de Frutas e Derivados (Abrafrutas). As prioridades dos



produtores se concentram na abertura de mercados internacionais e na liberação de produtos químicos para as lavouras.

Os produtores de manga, por exemplo, pediram agilidade no registro do genérico do fungicida paclobutrazol, usado para retardar o crescimento das plantas. O setor de uvas e de melão quer eliminar barreiras fitossanitárias, a fim de ganhar acesso aos mercados da Ásia e da América do Sul, como China, Coreia do Sul, Tailândia, Argentina e Colômbia. Já os produtores de banana reivindicam a inclusão da cultura no sistema Geosafra, da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), com objetivo de gerar dados estatísticos confiáveis e inteligência competitiva.

Kátia Abreu afirmou que o Mapa está preparado para auxiliar os fruticultores na remoção de barreiras externas aos produtos nacionais. Um dos principais focos da atual gestão, disse, é desburocratizar processos para atender da forma mais ágil e eficiente possível o produtor rural.

Ela destacou ainda a grande demanda internacional por alimentos funcionais, como açaí, água de coco e guaraná. “Estou impressionada com o crescimento do interesse de países como Estados Unidos, China e Japão por esses alimentos. Precisamos tomar a frente desse nicho de mercado, sermos protagonistas no fornecimento desses produtos. O Brasil tem todas as condições para isso.”

Sobre sanidade, a ministra lembrou que, no ano passado, o ministério criou um programa específico para cuidar do controle e da erradicação da mosca-das-frutas – principal praga que atinge os pomares brasileiros e responsável por grandes prejuízos. Até 2019, o programa vai destinar R\$ 128 milhões para aumentar a qualidade, a segurança fitossanitária e o consumo de frutas nos mercados interno e externo.

---

### **Alíquota zero do imposto de importação para produtos à base de cacau abre oportunidades para o Brasil. Viviane Novaes – Site do MAPA. 17/03/2016.**

Medida foi tomada pelos países da União Econômica Euroasiática

A União Econômica Euroasiática (UEE) determinou a redução a zero da alíquota de importação de óleo, gordura, pasta e manteiga de cacau. A UEE é um bloco formado pela Rússia, Belarus, Cazaquistão, Armênia e Quirguistão.

“É uma nova janela de oportunidade que se abre para o produto brasileiro na UEE, sobretudo no mercado russo”, diz o secretário substituto da Secretaria de Relações Internacionais do Mapa (SRI), Odilson Silva. Para o mercado russo, estima-se um potencial de exportação de US\$ 8 milhões.

Originalmente, o tributo incidente sobre a pasta de cacau é de 3% e sobre manteiga, gordura e óleo de cacau, de 5%. A redução tributária será aplicada no período de 26 de março de 2016 a 31 de dezembro de 2017, segundo o adido agrícola do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa) na Rússia, Antonio Aberto Oliveira. Para esses produtos, o certificado fitossanitário para amparar as exportações não é exigido.

A medida atende a um pedido da Associação dos Produtores de Confeitaria da Rússia, onde cerca de 50% dos produtos contêm chocolate. O consumo per capita russo de chocolate é de 4,5 kg ao ano. No Brasil, é de 2,5 kg ao ano. Em 2015, os brasileiros exportaram 34 mil toneladas desses produtos, o equivalente a US\$ 196 milhões.

---

### **Salto do dólar ante o euro preocupa exportador de suco. Fernando Lopes – Valor Econômico. 18/03/2016.**

Beneficiadas desde meados do ano passado pela forte valorização do dólar em relação ao real, as exportações brasileiras de suco de laranja poderão em breve perder parte dessa maior rentabilidade proporcionada pelo câmbio justamente em seu principal destino, a União Europeia.

Ocorre que a alta da moeda americana também sobre o euro, até agora compensada por contratos de hedge, já começou a incomodar os engarrafadores da bebida no Velho Continente, que compram o produto brasileiro em dólar e vendem às redes varejistas locais na moeda europeia.

"Se a situação persistir, o suco brasileiro ficará mais caro na Europa sem que o preço tenha subido, o que acarretará em pressão dos clientes sobre as cotações", diz Ibiapaba Netto, diretor-geral da Associação Nacional dos Exportadores de Sucos Cítricos (CitrusBR), que representa Citrosuco, Cutrale e Louis Dreyfus Commodities, as líderes dos embarques mundiais.

Netto afirma que em julho de 2014 (primeiro mês da safra 2014/15), quando o euro valia US\$ 1,35, a tonelada - equivalente ao produto concentrado e congelado (FCOJ) - do suco

de laranja brasileiro chegava à União Europeia por € 1.496, já incluído o imposto de importação de 12,2%.

Recentemente, quando o euro passou a valer US\$ 1,08, a mesma conta passou a resultar em € 1.853 por tonelada. Ou seja, em pouco mais de um ano e meio o preço ficou € 357 mais elevado só por causa da variação cambial.

Conforme cálculos do Valor Data, do início da safra 2015/16, em julho do ano passado, até fevereiro último, o dólar subiu 2,7% em relação ao euro - na comparação com o real, a alta foi de 28,8%.

Como sustenta a CitrusBR, até este momento os contratos de hedge diluíram esse "efeito câmbio" e as exportações brasileiras à UE não foram prejudicadas. E como o consumo no verão europeu surpreendeu positivamente, houve até um incremento do volume embarcado nos primeiros nove meses desta temporada 2015/16.

Dados da Secretaria de Comércio Exterior (Secex/Mdic) compilados pela entidade indicam que os exportadores brasileiros venderam 502,9 mil toneladas aos engarrafadores europeus nos nove primeiros meses do ciclo 2015/16 (julho a fevereiro), 0,7% mais que no mesmo intervalo de 2014/15.

O valor desses embarques caiu mais na comparação -10,7%, para US\$ 822 milhões -, mas em decorrência de fatores ligados aos fundamentos de oferta e demanda sem relação com questões cambiais. Apesar da leve recuperação europeia, de forma geral a demanda global pelo produto está em queda há mais de uma década, o que tem pressionado as cotações.

A preocupação dos exportadores com a relação entre dólar e euro se justifica pelo peso da UE nos embarques totais do país. Nos primeiros nove meses da safra atual, 69,8% do volume total embarcado foi destinado aos engarrafadores europeus, enquanto na receita total o percentual chegou a 70,3%.

Segundo a CitrusBR, o volume total embarcado no período (720,8 milhões de toneladas) foi 3,3% menor que em igual intervalo do ciclo 2014/15. Por conta da queda estrutural dos preços, a receita total recuou 14,3% na comparação, para US\$ 1,17 bilhão.

Conforme a entidade, essa leve queda em volume ainda poderá ser revertida até o fim da safra, em junho. Em parte, em razão da disparada dos preços do suco de abacaxi produzido na Tailândia, que lidera as exportações da bebida.

**Exportações de carnes são recorde. Lauro Veiga Filho – Valor Econômico. 18/03/2016.**

As exportações brasileiras de carnes para Cuba experimentaram seu melhor momento no ano passado, alcançando recordes tanto em valor quanto em volume. Segundo Tatiana Palermo, secretária de Relações Internacionais do Agronegócio do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa), as vendas mais do que dobraram entre 2014 e 2015, avançando de US\$ 60,281 milhões para US\$ 127,352 milhões, num salto de 111,3%. Esses valores corresponderam ao embarque de 56,1 mil toneladas em 2014 e praticamente 110,5 mil toneladas no ano passado, alta de 97%.

O forte crescimento, comenta Tatiana, foi puxado principalmente pelas vendas de frango, mas houve reação igualmente nos negócios envolvendo a carne bovina, embora em dimensão menor. No caso da carne de frango, responsável por 86,4% do total exportado pela indústria brasileira de carnes para a ilha, as exportações quase triplicaram, num aumento de 193,5% em valor, saindo de somente US\$ 37,471 milhões para US\$ 109,979 milhões.

Foram despachadas em torno de 99,7 mil toneladas de carne de frango, representando uma elevação de 164%, o que parece refletir alguma variação no preço médio de venda ou uma mudança no mix de produtos exportados, com inclusão de cortes de maior valor.

O movimento mais intenso de embarques, no entanto, prossegue Tatiana, “representou uma substituição das importações provenientes dos Estados Unidos para Cuba, pelo produto proveniente do Brasil”. A queda nas importações dos EUA, motivada pela ocorrência de influenza aviária nas granjas americanas, avalia a secretária, correspondeu a um incremento similar nas exportações brasileiras de frango para aquele mercado, variando ao redor de US\$ 70 milhões.

A questão sanitária, que levou Cuba a escolher novos fornecedores, contribui para a maior aproximação com a ilha, avalia o presidente da Associação Brasileira de Proteína Animal (ABPA), Francisco Turra. “Os EUA tiveram, além da gripe aviária, problemas com disenteria suína. Mas, neste caso, nossas exportações para Cuba continuam baixas, em torno de 300 a 500 toneladas por ano.”

Mas Turra lembra que se nota uma preocupação dos cubanos com o abastecimento de carne suína, tanto que o país tem habilitado novas plantas no Brasil para exportação. “Aurora, as cooperativas Copavel, Xanxerê, Cotrijuí e Frimesa, os grupos JBS e BRF, além da Globoaves, NaturalPork, Palmali, Pamplona e Pif Paf estão habilitados, têm interesse em exportar e alguns já exportaram no passado e podem retomar os embarques”, indica Turra.

O histórico entre os dois países, acrescenta o presidente da ABPA, mostra uma exportação média em torno de 35 mil a 40 mil toneladas de carne de frango por ano a partir de 2010, com receitas flutuando ao redor de US\$ 33 milhões a pouco mais de US\$ 40 milhões. Com o vigoroso aumento realizado no ano passado, as exportações nesta área passaram a acumular uma alta de 481% desde 2006, quando ainda se limitavam a US\$ 18,928 milhões, com embarques de 31,3 mil toneladas.

Não se espera que o volume de negócios volte a dobrar em 2016, mas Turra acredita que deve ser mantido algum crescimento, “dentro das possibilidades do mercado cubano”. A aproximação maior entre Brasil e Cuba, acrescenta ele, pode ajudar nesse processo. Até o final de março, segundo Turra, espera-se a chegada ao Brasil da primeira missão cubana deste ano. “O país trabalha com o sistema de lista geral nas importações e, portanto, quem tiver interesse poderá se habilitar. Eles estão dispostos a visitar estabelecimentos e a conversar”, afirma Turra.

A despeito dos esforços e dos avanços registrados, o fato é que a participação do mercado cubano como destino das exportações totais da indústria brasileira de carnes mantém-se ainda bastante acanhada. A despeito de todo o incremento realizado no ano passado, a fatia cubana nas vendas do setor continuava limitada a 0,86% no valor exportado, somando 1,71% em volume.

A Avivar Alimentos, que abate 180 mil aves por dia na unidade instalada em São Sebastião do Oeste, em Minas Gerais, foi habilitada para exportar para Cuba no final do ano passado, mas ainda não iniciou as operações.

“Fizemos contatos com a Câmara de Comércio de Cuba, sem resultados concretos até o momento. Desde que exista demanda, temos interesse em exportar para o mercado cubano”, afirma Humberto Rocha, assistente de mercado externo do frigorífico. Por enquanto, as exportações mensais da Avivar, iniciadas em junho de 2014, ainda

correspondem a metade da produção de um dia, estima Rocha, com destino a Hong Kong, Haiti, Guiné Equatorial e Serra Leoa.

---

### **Exportadores pedem agilidade na fiscalização de frutas enviadas para o mercado internacional – Site da CNA. 18/03/2016.**

A fiscalização das frutas brasileiras destinadas ao mercado externo ficará mais ágil e menos burocrática, prometeu a Ministra da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa), Kátia Abreu, ao presidente da Associação Brasileira dos Produtores e Exportadores de Frutas e Derivados (Abrasfrutas), Luiz Roberto Barcelos, e ao coordenador técnico da Comissão Nacional de Fruticultura da Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA), José Eduardo Brandão.

Na reunião realizada em seu gabinete, quarta-feira, (16/03), a ministra informou que o governo vai estudar com atenção as propostas do segmento para melhorar o modelo de fiscalização da qualidade das frutas destinadas ao mercado internacional. Um dos principais objetivos da Abrasfrutas, segundo documento entregue recentemente ao presidente da CNA, João Martins, é garantir um crescimento anual de 15% nas vendas externas de frutas, cuja receita no ano passado alcançou o equivalente a US\$ 630 milhões.

A Abrasfrutas identificou que um dos principais problemas enfrentados pelo exportador é o reduzido número de fiscais do Mapa nos portos de embarque das frutas destinadas ao exterior.

Riscos e perdas financeiras - Pelo modelo em vigor, diz o presidente da Abrasfrutas, em cada lote de frutas destinadas à exportação os fiscais abrem um contêiner para averiguar a qualidade do produto. "Essa abordagem, infelizmente, pode provocar danos e diminuir a qualidade das frutas por quebrar a cadeia de refrigeração, além de provocar custo extra no deslocamento de contêineres aos locais de averiguação das amostras de frutas", destaca Luiz Roberto.

Uma alternativa para resolver o problema, ainda segundo a Abrasfrutas, seria transferir a fiscalização dos portos para os locais de produção das frutas. Nesse caso, os fiscais poderiam realizar todo o processo nas fazendas, credenciando-as para exportar. A CNA lembra, a propósito, que todos os produtores exportadores de frutas já possuem

certificados internacionais de qualidade e boas práticas agrícolas. A Ministra Kátia Abreu prometeu estudar a sugestão e dar uma resposta o mais rápido possível aos produtores.

---

### **Preço internacional do salmão dispara com crise no Chile. Emiko Terazono – Valor Econômico. 21/03/2016.**

Os preços internacionais do salmão dispararam nos últimos meses em razão dos estragos provocados em fazendas de criação do Chile pela proliferação de algas marinhas tóxicas. O país sul-americano é o segundo maior produtor mundial de salmão.

De acordo com analistas, os preços do salmão chileno já aumentaram 25%, para cerca de US\$ 5 a libra-peso (medida equivalente a 454 gramas), desde dezembro, quando a crise sanitária começou. A explicação para o problema pode estar da elevação das temperaturas do Pacífico provocada pelo fenômeno El Niño e na falta de chuvas. Essa combinação pode ter desencadeado a proliferação descontrolada das algas.

Segundo o Serviço Nacional de Pesca e Aquicultura do Chile, 38 fazendas de criação de salmão da principal região produtora do país foram afetadas, levando à morte de 23,8 milhões de peixes. "A proliferação ainda afeta os peixes", disse Javier Però, da SalmonEx do Chile, que concentra informações sobre esse mercado.

A produção de salmão do Chile, que em grande parte é exportada para os Estados Unidos, deverá cair cerca de 100 mil toneladas em 2016. No ano passado, foram 590 mil toneladas. Como a Noruega, que lidera a produção global, também deverá registrar uma oferta menor, essa diferença provocada pela crise no Chile não deverá ser compensada.

"Acreditamos que haverá um choque na oferta mundial", diz Kolbjørn Giskeødegård, do banco norueguês Nordea, que prevê que os preços do salmão continuarão elevados nos próximos meses.

As perdas financeiras para a indústria salmoneira chilena, que já tem problemas com seu alto endividamento e a baixa disponibilidade de caixa, são estimadas entre US\$ 500 milhões e US\$ 1 bilhão. Muitas companhias têm seguro, mas Audun Lem, uma autoridade da área de frutos do mar da FAO, braço da ONU para agricultura e alimentação, acredita que a situação levará a um onda de fusões e reestruturações.

Paralelamente, a crise chilena vem colaborando para impulsionar as ações das empresas produtoras de salmão da Noruega. A desvalorização da coroa norueguesa deixou a

produção pesqueira do país mais competitiva no mercado internacional, e os exportadores locais vêm ganhando participação de mercado nos Estados Unidos.

O valor da ação da Marine Harvest, maior produtora de salmão do país europeu, já subiu quase 9% desde o começo do ano. Os papéis de sua concorrente Lerøy, de menor porte, acumulam ganhos de 15,2% no ano e de 54% em 12 meses.

Analistas também destacam que a crise pesqueira chilena confirma a fragilidade sanitária da aquicultura, sempre suscetível às volatilidades do clima e a doenças. Os criadores de salmão vêm lutando contra surtos de parasitas, enquanto os criadores de camarão e lagostim da Ásia sofrem com uma doença conhecida como síndrome da mortalidade precoce. (Tradução de Mario Zamarian)

---

### **Brasil se queixa, na OMC, de travas da UE e da Nigéria a carnes. Assis Moreira – Valor Econômico. 22/03/2016.**

O Brasil cobrou ontem na Organização Mundial do Comércio (OMC) que a União Europeia (UE) e a Nigéria suspendam restrições que afetam a entrada de carnes brasileiras em seus mercados. No entanto, não recebeu nenhuma sinalização de que isso ocorrerá futuramente.

O tom subiu do lado brasileiro no Comitê de Medidas Sanitárias e Fitossanitárias (SPS, na sigla em inglês), da OMC, que se reúne periodicamente para os países-membros analisarem os problemas que afetam suas exportações de produtos alimentícios.

A delegação brasileira questionou a União Europeia por causa da manutenção da restrição à importação da carne suína produzida em Santa Catarina, Estado que é reconhecido pela Organização Mundial de Saúde Animal (OIE) como livre de peste suína clássica e de aftosa sem vacinação. Mas apesar dos esforços brasileiros para atender os padrões de sanidade exigidos pelos europeus, Bruxelas continua a ver riscos em relação a resíduos de aditivos que são proibidos no mercado europeu.

O temor se refere à ractopamina, um promotor de crescimento utilizado na criação de bovinos e suínos. No Brasil, o uso é proibido no rebanho bovino, mas não na produção de suínos. Para contornar o problema, produtores brasileiros têm um sistema de segregação da produção da carne suína de animais criados com o aditivo e da que está livre da substância destinada à exportação.



No entanto, a UE reclama que já foram encontrados resíduos do aditivo na carne para exportação, e considera que o sistema de segregação brasileiro é falho.

Já o Brasil argumenta que se o sistema identificou resíduos, significa que funciona. Para os brasileiros, a UE está demorando muito para liberar a entrada do produto de Santa Catarina sem razões científicas evidentes.

Os europeus admitem que, além das questões técnicas, existe problema político para liberar a entrada da carne suína brasileira em função da resistência de produtores locais de países como Alemanha, Dinamarca e França.

A ministra da Agricultura Kátia Abreu, deveria levantar esse problema em reunião que estava prevista para hoje em Bruxelas. Mas ela adiou a viagem alegando razões pessoais.

Também na OMC, o Brasil questionou a Nigéria pela proibição de importação de carnes bovina e de frango. Essa interdição vem desde 2007, e ocorre por causa de deficiências no sistema de refrigeração nigeriano.

A Nigéria respondeu que seu tratamento é aplicado a todos os membros da OMC. Mas que revisa periodicamente a lista de proibição. No entanto, não deu qualquer sinal de que as carnes brasileiras terão no futuro o mercado facilitado.

De seu lado, a União Europeia, numa reunião bilateral com o Brasil, insistiu que quer exportar lácteos e outros produtos para o mercado brasileiro. Para isso é necessário que o Brasil faça inspeções em estabelecimentos exportadores europeus.

---

### **Agricultura familiar brasileira é referência para o Mercosul. Flávia Dias – Site do MDA. 23/03;2016.**

Patrus ressaltou a necessidade de uma reflexão sobre as funções social, econômica, ambiental e cultural da terra.

O ministro do Desenvolvimento Agrário, Patrus Ananias, recebeu, na tarde desta quarta-feira (23), em Brasília, o secretário técnico da Reunião Especializada sobre Agricultura Familiar do Mercosul (Reaf), Lautaro Viscay. Desde ontem (22), Viscay está reunido com os secretários do MDA para tratar sobre a XXV edição da Reunião, que será realizada de 14 a 17 de junho de 2016, em Montevidéu, no Uruguai.

Na ocasião, Viscay destacou o apoio do Brasil à REAF e a contribuição das experiências brasileiras no desenvolvimento das políticas públicas de agricultura familiar para os países que compõem a REAF: Equador, Bolívia, Chile, Venezuela, Paraguai, Argentina e Uruguai. “O Brasil é o país que mais fez pela agricultura familiar, nos últimos 15 anos, na região”, afirmou.

O ministro ressaltou a necessidade de uma reflexão sobre as funções da terra, que passa pela área social, econômica, ambiental e cultural. Outro desafio do MDA, que é um das temáticas permanentes da REAF, é evitar o êxodo rural da juventude. “A permanência dos jovens no campo depende de uma série de políticas públicas nas áreas de cultura, saúde, saneamento básico e educação”, destacou o ministro.

Este ano, a presidência pro tempore uruguaia elegeu como temas principais a assistência técnica, a agroecologia e o desenvolvimento territorial. O objetivo é retomar atividades e tarefas de cada GT, com olhar estratégico a um novo ciclo da REAF.

## **XXV edição da REAF**

“A REAF está completando 12 anos. Estamos encerrando um ciclo de conquistas, de ascensão em que devemos discutir qual orientação estratégica, quais assuntos, com que metodologia e, operacionalmente, como deverá funcionar a REAF nos próximos anos. Esse diálogo é fundamental para consolidar e continuar sendo a REAF esta plataforma bem-sucedida em termos de recomendações aos governos e órgão do Mercosul”, explica Lautaro.

A chefe da Assessoria para Assuntos Internacionais e de Promoção Comercial do MDA (AIPC), Cristina Timponi, destacou o papel da agricultura familiar para o Mercosul. “O agricultor familiar presta um serviço para seu país, uma vez que alimenta sua população, promove a segurança alimentar, a erradicação da pobreza e da fome”, afirmou. “Há que se definir estratégias de promoção trazendo a saúde, a educação, os consumidores para o debate”, chamou a atenção Marcelo Piccin, diretor de Geração de Renda e Agregação de Valor do MDA. “A questão da diversidade de público e dos sujeitos – agricultores familiares, camponeses, agricultores tradicionais, ribeirinhos, quilombolas, indígenas, jovens, mulheres - pode enriquecer o processo da Reaf”.

## **REAF**

A Reaf foi criada em 2004, por sugestão do governo brasileiro, como órgão assessor do Mercosul para temas relacionados à agricultura familiar. Seu método de funcionamento é baseado na participação de governos e sociedade civil, que tem direito à voz em todas as instâncias de trabalho da Reunião.

O MDA é o ministério brasileiro responsável pela coordenação da Reunião Especializada sobre Agricultura Familiar do Mercosul (REAF/Mercosul), órgão assessor do Grupo Mercado Comum (GMC) do Mercosul.

Ao longo de desses 12 anos, as ações na REAF têm trazido contribuições relevantes para a construção de um ambiente institucional e políticas públicas mais favoráveis para o desenvolvimento da agricultura familiar no Mercosul e da inclusão nos mercados.

---

### **Americanos buscam ampliar exportações de alimentos a Cuba. Shawn Donnan – Valor Econômico. 23/03/2016.**

A histórica visita do presidente Barack Obama a Cuba nesta semana é rica em simbolismos, mas, mesmo que o presidente americano tenha acabado com restrições impostas a empresas de seu país nos negócios com a nação caribenha, o poderoso lobby agrícola dos EUA continua frustrado.

As exportações agrícolas para a ilha, que fica a 160 quilômetros da costa da Flórida, são permitidas pela legislação americana desde 2001. E como Cuba importa 80% dos alimentos que consome, Washington quer mais espaço num mercado que movimenta US\$ 2 bilhões por ano.

Após atingir um pico de mais de US\$ 710 milhões em 2008, as exportações agrícolas dos EUA para Cuba começaram a cair progressivamente. Em 2015, somaram US\$ 180 milhões, segundo estatísticas comerciais americanas, menos que Brasil, União Europeia e Argentina.

Agora, Washington e Havana decidiram aprofundar a cooperação e as relações técnicas no setor. "Essa é uma oportunidade incrível para os setores agrícolas dos EUA e Cuba iniciarem uma relação mais sólida e aprimorada", diz Tom Vilsack, secretário da Agricultura dos EUA.

No entanto, as medidas acordadas durante a visita de Obama não eliminam as restrições financeiras que persistem sobre os importadores cubanos de produtos agrícolas americanos, o que tende a coibir esse comércio no curto prazo.

Desde janeiro, os importadores cubanos podem acessar os bancos americanos para financiar aquisições de outras origens, mas aqueles que querem comprar grãos ou carnes produzidos nos EUA, por exemplo, ainda precisam pagar adiantado e em dinheiro, ou utilizar um banco terceirizado.

Essas restrições estão codificadas na legislação americana e não podem ser levantadas por ordem do Poder Executivo, como Obama vem fazendo para mudar a política de seu país em relação a Cuba. No Congresso, o Partido Republicano resiste a uma maior abertura.

Paul Ryan, presidente da Câmara nos EUA, criticou a visita de Obama por seu foco em acordos comerciais "que vão legitimar e fortalecer o governo comunista" e lembrou que o embargo comercial americano a Cuba está intacto e em vigor. "É a lei".

Vilsack, por sua vez, vem tentando impor outras medidas. Ele afirmou que a proposta de Obama para o orçamento deste ano inclui recursos para promover produtos americanos na ilha, mas disse que "enquanto o Congresso não destinar mais dinheiro para a população ou acabar com o embargo" o alcance desses esforços será limitado.

Produtores de frutas cítricas da Flórida afirmam que Cuba poderá um dia se tornar concorrente dos EUA nessa área, mas a maior parte do agronegócio americano está tentando derrubar o embargo.

O Farm Bureau de Washington, maior grupo dedicado a defender os interesses do setor, uniu forças com 30 outras empresas e associações, incluindo a Cargill, para pressionar pelo fim das travas. Há projetos de lei nesse sentido, mas eles esbarram nos Republicanos. (Tradução de Mario Zamarian)

---

### **Brasil e Ucrânia estreitam relações comerciais. Cláudia Lafeté – Site do MAPA. 23/03/2016.**

Na primeira reunião em Brasília, os dois países discutiram a retomada das exportações de carne suína aos ucranianos

O Comitê Consultivo Agrícola (CCA), estabelecido entre Brasil e Ucrânia, se reuniu pela primeira vez nesta quarta-feira (23), na Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA), em Brasília. Além de temas de interesse mútuo no setor agropecuário, como pesquisa, inovação e biocombustíveis, o objetivo da reunião foi estreitar as relações comerciais dos países sobre exportação de material genético avícola e de sêmen bovino do Brasil para a Ucrânia e o retorno das vendas brasileiras de carne suína àquele mercado. Os ucranianos, por sua vez, pretendem aumentar o comércio de óleo vegetais, cereais e bebidas para o Brasil.

“Essa reunião é importante para que o intercâmbio comercial entre os dois países volte a aumentar. Atualmente, temos a possibilidade da retomada das exportações de carne suína para Ucrânia. Toda a documentação já está com os ucranianos e aguardaremos a posição deles”, disse Odilson Luiz Ribeiro e Silva, secretário interino de Relações Internacionais do Agronegócio e diretor do Departamento de Negociações Sanitárias e Fitossanitárias do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa).

Também participaram do encontro os diretores dos departamentos de Saúde Animal e de Sanidade Vegetal do Mapa, Guilherme Marques e Marcus Vinícius, respectivamente, e técnicos de várias áreas do ministério e da Embrapa, além de representante do Ministério das Relações Exteriores. O governo da Ucrânia foi representado pela vice-ministra de Política Agrária e Alimentos, Vladyslava Rutytska, pelo embaixador Rostyslav Tronenko e por técnicos do Ministério da Agricultura daquele país.

Segundo Marques, o ministério entregará os certificados de exportação de material genético avícola e o de sêmen bovino do Brasil à Ucrânia durante a Sessão da Organização Mundial de Saúde Animal (OIE), em maio deste ano.

No ano passado, as exportações brasileiras de produtos agropecuários para a Ucrânia totalizaram US\$ 68,5 milhões. No mesmo período, as importações brasileiras de produtos agropecuários ucranianos somaram US\$ 272 mil. Entre os principais produtos exportados do Brasil para a Ucrânia estão fumo, café, carnes e produtos do complexo sucroalcooleiro.

---

**EUA podem barrar compra da Syngenta por chineses. Jacob Bunge – Valor Econômico. 24/03/2016.**

A oposição dos Estados Unidos à maior aquisição de uma empresa estrangeira por uma chinesa está crescendo. Um grupo de senadores do Cinturão Agrícola americano está dizendo que a venda, por US\$ 43 bilhões, da gigante de sementes e pesticidas Syngenta AG para a China National Chemical Corp. pode representar riscos para a segurança do abastecimento de alimentos dos EUA.

O senador republicano Chuck Grassley lançou uma campanha pública contra a oferta apresentada pela ChemChina, como a empresa chinesa é conhecida, para comprar a Syngenta, dizendo que o governo precisa garantir que "nós não estamos permitindo a venda de grande parte da nossa indústria de alimentos, especialmente quando entidades controladas por governos como a ChemChina são os compradores."

Numa entrevista ao The Wall Street Journal, Grassley disse que ele e um grupo bipartidário de senadores planejam buscar um papel formal para o Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA) na investigação do acordo já anunciada pelo Comitê de Investimento Estrangeiro nos EUA (CFIUS), ligado ao Departamento do Tesouro. Os legisladores querem que a segurança alimentar e riscos à cadeia de suprimentos sejam analisados, além dos fatores militares e de inteligência, disse Grassley.

A Syngenta, que tem sede na Suíça, gera cerca de 25% das suas vendas na América do Norte, onde ela é uma das principais vendedoras de pesticidas e fornece cerca de 10% das sementes de soja e 6% das de milho nos EUA.

Os comentários do senador aumentam as ameaças ao acordo, que ainda é visto com ceticismo pelos investidores. O USDA já havia expressado preocupações sobre o potencial impacto do negócio ao setor agrícola do país.

A ChemChina fechou o acordo com a Syngenta em fevereiro, unindo-se a uma série de transações fechadas entre gigantes mundiais dos agronegócios no setor de pesticidas e sementes, que movimenta US\$ 100 bilhões ao ano.

"Não estou dizendo que o investimento estrangeiro é intrinsecamente ruim", disse Grassley.

"Nós precisamos considerar as implicações de longo prazo de deixar entidades estrangeiras controlarem uma fatia de mercado significativa da agricultura americana, especialmente em mercados consolidados, como é o de sementes" hoje, disse ele.

O CFIUS é composto por representantes de 16 departamentos e agências do governo americano, incluindo o Tesouro, a agência de Segurança Nacional e o Departamento de Defesa, mas não inclui o USDA. O CFIUS tem um histórico de barrar compras de ativos americanos por empresas estrangeiras que considera um risco para a segurança nacional.

Grassley disse que ele e outros senadores querem funções permanentes no CFIUS para o USDA e a FDA, a agência que regula alimentos e remédios nos EUA. Os dois órgãos são incumbidos de manifestar sua visão sobre fusões, avaliar questões como segurança alimentar e aspectos de segurança de negócios envolvendo estrangeiros, mas não de forma frequente.

Grupos de produtores e empresas agrícolas dos EUA têm reclamado também que o processo na China para avaliar e aprovar produtos agrícolas como sementes geneticamente modificadas diverge do de outras grandes economias, o que às vezes leva a longos atrasos no caso de sementes envolvendo alta tecnologia e causa interrupções no comércio.

O secretário do Departamento de Agricultura dos EUA, Thomas Vilsack, disse em fevereiro que o setor agrícola americano tem enfrentado "inconsistência" e "falta de sincronização" no que se refere à obtenção da aprovação de Pequim para que a China possa importar cultivos biotecnológicos. A China é um dos maiores mercados compradores de commodities agrícolas.

Uma porta-voz da USDA não quis fazer comentários adicionais. Uma porta-voz do Departamento do Tesouro, que responde pelo CFIUS, não quis comentar. Representantes da ChemChina e do Ministério da Agricultura chinês não responderam a pedidos de comentários.

Outros legisladores de Estados agrícolas importantes dos EUA têm suas próprias reservas. "Sempre que os chineses compram operações americanas, é motivo de preocupação", disse o deputado do Estado de Nebraska pelo partido Republicano, Jeff Fortenberry, em uma declaração recente ao WSJ. O deputado Adrian Smith, também do Nebraska,

declarou ao WSJ que tinha "ainda muitos detalhes" a ser avaliados. "Eu planejo examinar de perto quaisquer implicações potenciais à segurança nacional."

Um porta-voz da Syngenta não quis comentar sobre a análise do CFIUS.

O presidente do conselho da Syngenta, Michel Demaré, disse em fevereiro que a empresa não espera ter nenhum tratamento preferencial pelas autoridades agrícolas chinesas e que o negócio com a ChemChina poderia ajudar a indústria ocidental de sementes ao abrir mais o país para culturas biotecnológicas. A China atualmente permite essas sementes para as culturas de algodão, papaia, pimentão e tomate. "Estamos bem convencidos de que não há uma questão de segurança", disse Demaré.

Os investidores ainda não consideram a fusão como algo certo.

As ações da Syngenta subiram ontem para 399,10 francos suíços e, desde o anúncio do negócio, têm sido negociadas bem abaixo do valor oferecido pela ChemChina em sua proposta de compra, equivalente a 480 francos suíços por ação.

A ChemChina e a Syngenta começaram voluntariamente a revisão do CFIUS após o anúncio do negócio. O processo formal normalmente leva 75 dias. As empresas esperam fechar o acordo até o fim deste ano.

As empresas chinesas estão cada vez mais buscando ativos no exterior, o que leva o CFIUS a investigar os acordos.

Em janeiro, a holandesa Royal Philips NV desistiu de vender 80% da sua unidade de componentes de iluminação para um investidor chinês depois que o CFIUS barrou o negócio, alegando questões de segurança nacional. As americanas Fairchild Semiconductor International e a Pericom Semiconductor Corp. recusaram propostas de compra apresentadas por firmas chinesas, receosas de um parecer negativo do CFIUS.

---

### **País questiona na OMC barreiras à exportação de carnes para Nigéria e União Europeia. Priscilla Mendes – Site do MAPA. 24/03/2016.**

Mapa espera que problemas sejam solucionados nos próximos meses

O Brasil cobrou junto à Organização Mundial do Comércio (OMC) a eliminação de barreiras às exportações de carne suína do estado de Santa Catarina impostas pela União Europeia. Durante a 65ª Reunião do Comitê sobre Medidas Sanitárias e Fitossanitárias



(Comitê SPS), os representantes brasileiros também questionaram as restrições impostas pela Nigéria às carnes bovina e de aves nacionais.

Os questionamentos foram apresentados à organização em forma de “preocupações comerciais específicas (PCEs)”, instrumento utilizado para tornar multilaterais eventuais negociações de temas de difícil resolução. Com a apresentação da matéria na plenária da OMC, espera-se movimentação, nos próximos meses, para a solução dos problemas.

A reunião do Comitê sobre Medidas Sanitárias e Fitossanitárias ocorreu em 16 e 17 deste mês. Pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa), participaram o fiscal federal agropecuário Guilherme Antônio da Costa Júnior, do Departamento de Negociações Não-Tarifárias da Secretaria de Relações Internacionais do Agronegócio (SRI), e o adido agrícola junto à OMC, Luis Henrique Barbosa da Silva.

“A OMC continua sendo um dos organismos internacionais mais importantes para os temas de comércio agropecuário. Em especial, o comitê é um dos órgãos subsidiários de maior interesse para a agropecuária nacional, pois nele se pode monitorar os requisitos sanitários e fitossanitários dos parceiros comerciais e eventuais dificuldades comerciais relacionadas aos temas sanitários e fitossanitários”, ressaltou Guilherme Costa.

Paralelamente à reunião do comitê, a delegação do Mapa realizou diversos encontros bilaterais. Com o México, discutiu o reconhecimento do princípio da regionalização para exportações brasileiras de carne bovina e suína e do embarque de carne suína do estado de Santa Catarina. Com os representantes chineses, falou sobre a retomada das exportações de bovinos vivos.

A delegação se reuniu também com a Turquia para questionar requisitos relativos à rastreabilidade para exportação de carne bovina; com o Sudão, discutiu barreiras impostas às exportações de carnes bovina e de aves brasileiras; e à Coreia do Sul agradeceu pelo envio dos requisitos sanitários daquele país para exportação de carne suína brasileira, passo necessário para liberar o comércio.

De forma geral, os representantes se comprometeram a apresentar respostas aos pleitos brasileiros em curto prazo.

---

**Frigoríficos ampliam importações de milho. Luiz Henrique Mendes – Valor Econômico. 28/03/2016.**

O choque de custos que golpeou os frigoríficos brasileiros de aves e suínos neste primeiro trimestre provocou alterações nas estratégias de suprimento de milho que poderão se aprofundar nos próximos meses. O segmento, que inclui gigantes como BRF e JBS e vinha sinalizando reduzir a produção para tentar equilibrar margens, intensificou nas últimas semanas acordos para importar o cereal da Argentina e do Paraguai.

O movimento tem sido tão intenso que, apenas em março, os contratos de importações de milho acertados pelos frigoríficos chegam perto de 500 mil toneladas, segundo uma fonte que acompanha esse mercado. Esse é o volume de importações projetado pela Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) para toda a temporada 2015/16, que terminará em junho.

Líder na produção de aves e suínos, a BRF firmou contratos para a importação de 100 mil toneladas de milho do Paraguai e também fez encomendas na Argentina. "Tendo em vista a alta na cotação do milho no mercado doméstico, BRF optou pela importação de 50 mil toneladas da Argentina e 100 mil toneladas do Paraguai, a preços competitivos, para abastecer as suas operações no Sul do país", disse a empresa, em nota. Segunda maior produtora de carne de frango do país, a JBS receberá pelo menos três navios carregados de milho argentino, de acordo com uma fonte. Procurada, a JBS não quis comentar o assunto.

Além do inegável impacto negativo da disparada das cotações do milho sobre a rentabilidade do segmento - principal ingrediente da ração, o cereal subiu mais de 35% em 2016 -, a ofensiva de importações deflagrada pela indústria também revela uma maior preocupação com a escassez de milho em si, segundo analistas consultados pelo Valor.

Até então, a alta dos preços do milho era encarada como um reflexo do dólar mais valorizado, mas o forte ritmo das exportações também parece ter enxugado mais a oferta interna do cereal que o esperado. No primeiro bimestre, o Brasil exportou 9,8 milhões de toneladas de milho, mais que o dobro que em igual período de 2015 (4,2 milhões). A Conab projeta que as exportações brasileiras chegarão a 29 milhões de toneladas em 2015/16.

"O fato de buscar importar não é porque é mais barato. É por falta de mercadoria", aponta o superintendente de agronegócios do banco Santander no país, Carlos Aguiar. Guilherme Melo, analista do Itaú BBA, diz que, na medida em que as empresas brasileiras demandem mais milho de Argentina e Paraguai, as cotações também subirão. "É uma alternativa de aquisição de milho, mas os preços são vasos comunicantes", acrescenta.

Em contrapartida, o analista César Castro Alves, da consultoria MB Agro, avalia que as importações de milho tendem a arrefecer nos próximos meses em razão do avanço da colheita da safra de verão, e especialmente no segundo semestre, quando a safra de inverno já estiver colhida. Ao todo, a Conab estima que a produção brasileira de milho será de 83,5 milhões de toneladas nesta temporada 2015/16.

Enquanto isso, porém, os frigoríficos seguem operando com margens negativas no mercado interno. Conforme cálculos da MB Agro, no sistema de integração a produção de carne de frango registra margem bruta negativa de 2% em março. Na área de carne suína, a margem segue negativa em 12%.

De acordo com Melo, do Itaú BBA, a recuperação de margens no mercado interno dependerá da queda das cotações do milho, movimento que deverá ocorrer caso a safra dos EUA não sofra grandes problemas. Além disso, a recente desvalorização do dólar, se não for anulada, também pode ajudar a reduzir as cotações do milho no país.

Para o presidente da Associação Brasileira de Proteína Animal (ABPA), Francisco Turra, a estratégia dos produtores brasileiros de segurar as vendas de milho pode se revelar um erro. "Em 60 dias vem a safra, e o preço pode despencar".

---

### **GT Foods importa 90 mil toneladas de milho. Luiz Henrique Mendes – Valor Econômico. 29/03/2016.**

Em meio à escassez de milho no mercado doméstico, o grupo avícola paranaense GT Foods informou ontem que fechou contratos para a importação de cerca de 90 mil toneladas de milho da Argentina. A companhia receberá três navios com o produto até o fim do mês de maio.

"O volume total de compras já realizadas no mercado interno e externo vai atender a 70% da nossa demanda até a entrada da safrinha em julho", afirmou o gerente corporativo de suprimentos do GT Foods, José Carlos Ferreira Junior. Na empresa, a avaliação é que o

atual cenário de escassez do cereal será superado com a colheita da safrinha de milho a partir de maio.

A oferta doméstica de milho restrita e cara no momento no Brasil deve levar as empresas do setor - incluindo BRF e JBS - a importar mais de 500 mil toneladas do grão nesta safra 2015/16.

Com seis abatedouros de frango na região Sul - cinco no Paraná e um em Santa Catarina -, o grupo GTFoods teve uma receita líquida de R\$ 1,734 bilhão no ano passado, 33,6% acima dos R\$ 1,297 bilhão registrados em 2014.

Criado em 2011 a partir da aquisição da Avícola Felipe pela Frangos Canção, o GTFoods vem investindo para elevar sua capacidade de abate. No fim de 2015, as unidades do grupo tinham capacidade para abater 632,2 mil aves por dia, 90,3% mais que as 332,2 mil cabeças que podiam ser abatidas três anos antes. O plano para 2016 é alcançar uma capacidade diária de abate de 750 mil frangos.

A ampliação da capacidade de produção do grupo se insere em um plano maior, que visa a abrir o capital da empresa no longo prazo. Nesse sentido, o GTFoods iniciou os estudos para alterar a governança corporativa.

A empresa também passou a detalhar seus dados financeiros. Conforme o balanço auditado pela KPMG, a empresa teve lucro líquido de R\$ 29,5 milhões no ano passado, queda de 70,9% ante o lucro de R\$ 101,9 milhões registrado em 2014. Conforme o grupo, a queda do lucro está relacionada ao impacto negativo da apreciação do dólar sobre as dívidas em moeda estrangeira.

No fim dezembro, a dívida líquida do GTFoods somava R\$ 456,1 milhões, alta de 55,9% em um ano. O índice de alavancagem (relação entre Ebitda e dívida líquida) do grupo estava em 2,52 vezes em dezembro.

---

### **Argentina volta a capitanear exportação de trigo ao Brasil. Fabiana Batista – Valor Econômico. 29/03/2016.**

O Mercosul retomou seu protagonismo no fornecimento de trigo ao Brasil, após dois anos de perda de um mercado até então praticamente cativo. No atual ano-comercial 2015/16, iniciado em agosto, o bloco foi a origem de 90% das importações brasileiras do cereal. A redução das restrições às exportações na Argentina e uma oferta mais abundante no Paraguai explicam a recuperação.

De agosto até fevereiro deste ano, o Brasil importou 2,9 milhões de toneladas de trigo. Da Argentina, vieram 1,7 milhão de toneladas, ou 58% do total, conforme dados da Secretaria de Comércio Exterior (Secex) compilados pela Safras & Mercado. Do Paraguai vieram 633 mil toneladas (22% do total) e do Uruguai, 303 mil toneladas (10%). Juntos, os três países venderam 2,6 milhões de toneladas ao mercado brasileiro no intervalo. Cerca de 300 mil toneladas vieram dos Estados Unidos.

O ano-comercial 2015/16 está correndo sob a administração do novo presidente da Argentina Mauricio Macri, que assumiu em dezembro. E o apetite dos produtores do país vizinho para exportar voltou a crescer justamente com a vitória de Macri, que prometeu durante a campanha - e cumpriu - relaxar as travas às exportações argentinas de grãos.

No mercado, a expectativa é que a Argentina exporte ao Brasil mais de 3 milhões de toneladas de trigo no ano-comercial 2015/16, o que não ocorre desde 2012/13. A colheita argentina, finalizada em dezembro, rendeu 10,4 milhões de toneladas, conforme a Safras & Mercado, ante 11,5 milhões em 2014/15.

"O diferencial aqui não é o volume [da safra], que é menor. Mas sim o fato de que os exportadores não precisam mais das licenças concedidas pelo governo para exportar. Estão de volta às leis de oferta e demanda", afirmou Marcelo Vosnica, presidente do conselho administrativo da Associação Brasileira da Indústria de Trigo (Abitrigo), que representa os moinhos brasileiros.

Tradicional fornecedora de trigo ao país, a Argentina vinha perdendo espaço no mercado brasileiro em consequência da política da ex-presidente Cristina Kirchner de taxar e reter exportações para manter o abastecimento interno e controlar a inflação. Essa política já vinha provocando a queda da produção no país.

No ano-comercial 2013/14, as exportações argentinas de trigo ao Brasil atingiram um dos níveis mais baixos da década - 1,3 milhão de toneladas. Na mesma temporada, o volume importado pelo Brasil desde o Mercosul (Argentina, Paraguai e Uruguai) somou 2,4 milhões de toneladas.

Nesse contexto, a liderança nas exportações de trigo ao Brasil caiu no colo dos Estados Unidos. Os moinhos tiveram que buscar o cereal americano e pediram, inclusive, que o governo brasileiro isentasse a importação do pagamento da Tarifa Externa Comum (TEC) de 10% cobrada nas importações do cereal realizadas fora do Mercosul. Naquele ano-comercial (2013/14), os EUA exportaram quase 4 milhões de toneladas ao Brasil.

Em 2014/15, ciclo encerrado em julho do ano passado, a Argentina já havia começado a ensaiar uma recuperação. Com o aumento da colheita para 11,5 milhões de toneladas, o país vizinho exportou ao Brasil 2,8 milhões de toneladas. Mas espera-se um salto nas próximas safras, até porque a produção tende a voltar a crescer. A Safras & Mercado estima que a colheita argentina do cereal chegará a 14,5 milhões de toneladas em 2016/17. Neste ano-comercial 2015/16, surpresa mesmo foi o Paraguai, cuja produção foi beneficiada pelo clima. Com isso, o país voltou a ser um importante fornecedor ao Brasil. "O trigo paraguaio desta safra foi muito bom e o preço é tradicionalmente mais competitivo que os concorrentes", disse Jonathan Pinheiro, analista da Safras & Mercado. Enquanto o trigo de boa qualidade do Paraná vale entre R\$ 780 e R\$ 800 a tonelada, o cereal paraguaio chega em Paranaguá a R\$ 717, de acordo com levantamento feito pela consultoria.

---

### **China desmonta política de estocagem de milho. Lucy Hornby – Valor Econômico. 30/03/2016.**

A China se comprometeu a aposentar sua dispendiosa política de armazenamento de milho, que abalou os mercados mundiais nos últimos anos e deixou o país com estoques suficientes para mais de um ano de consumo.

A política de comprar milho a preços mínimos determinados pelo governo até 50% superiores aos praticados no mercado acabou se tornando um custoso dilema para Pequim. As autoridades chinesas temiam que descarregar os estoques pudesse derrubar os preços e desencorajar os agricultores a plantar mais, ameaçando a segurança alimentar nacional.

Nesse contexto, a Administração Estatal de Grãos destacou, em comunicado divulgado ontem, que vai substituir o sistema de armazenagem por subsídios aos agricultores quando os preços caírem. A mudança entrará em vigor a partir da próxima safra, no outono chinês. O governo também vai encorajar as grandes estatais chinesas a comprar dos agricultores seguindo os preços de mercado.

"É apenas um passo inicial. É preciso fazer mais", disse Ma Wenfeng, da Beijing Orient Agriculture Consultancy, crítico da política de armazenagem. De acordo com o Departamento de Agricultura dos EUA (USDA), os estoques de milho na China no fim

desta temporada 2015/16 deverão chegar a 113 milhões de toneladas, mais de metade dos estoques mundiais totais.

Uma política similar para lidar com o superávit dos estoques de algodão está em vigor há dois anos, mas não conseguiu reduzir significativamente as reservas chinesas, estimadas em 60% das mundiais. As reservas teimam em continuar altas em parte porque os preços definidos nos leilões estatais são altos demais. Assim, é difícil vender o algodão armazenado, em sua maior parte de qualidade inferior ao da colheita anterior.

"Os estoques de algodão estão altos porque eles não venderam as reservas e ainda estão comprando em grandes quantidades do Bingtuan", disse Ma, referindo-se ao nome como é conhecida a Xinjiang Production and Construction Corps, um grupo paramilitar de chineses Han assentados ao longo da fronteira com a Ásia Central.

A China informou que vai reduzir em setembro os preços do milho fixados pelo governo, mas para patamares ainda superiores aos das cotações internacionais. A diferença de preços fez com que as importações em 2015 alcançassem um volume recorde e encorajou o contrabando e outras irregularidades. As cotações do milho na cidade de Dalian para entrega em maio estão em 1,7 mil yuans por tonelada, o equivalente a US\$ 6,61 por bushel. Na bolsa de Chicago, o lote do cereal para entrega também em maio é negociado a US\$ 3,71 por bushel.

No período de 12 meses encerrado em março, as importações chinesas de milho somaram 5,5 milhões de toneladas, quase 70% mais que no ano-móvel anterior, de acordo com dados do USDA.

E restam muitas dúvidas sobre a nova política chinesa. O orçamento do Ministério das Finanças do país, divulgado neste mês, contrariou as expectativas e não incluiu provisões para subsídios aos agricultores. Além disso, especialistas acreditam que o governo terá de dar baixa contábil no valor da parte dos estoques que se deteriorou.

O fim da política de armazenagem não significa necessariamente que a China - ou o mundo - vão ser inundados por grãos de qualidade competitiva em relação aos produzidos em outros países. Uma investigação de uma rede de TV chinesa, intitulada "Ratos no Celeiro", revelou recentemente que os armazéns estatais no nordeste chinês, rico em alimentos, estavam comprando grãos velhos e inferiores, a preços com desconto.

Há relatos sugerindo que o mesmo também vale para os silos de trigo, algodão e arroz.

Na semana passada, o executivo-chefe da Louis Dreyfus Commodities, Gonzalo Ramírez Martiarena, disse que a China poderia levar 18 meses para esgotar seus estoques, presumindo que estejam em boas condições. "É muito difícil armazenar grãos por muitos anos", disse. "Mas, se eles estiverem fazendo a rotação apropriadamente, então talvez tenham estoques de boa qualidade". (Tradução de Sabino Ahumada).

---

**Kátia Abreu propõe isenção de PIS/COFINS para importação de milho. Ana Carolina Oliveira – Site do MAPA. 30/03/2016.**

Medida busca equilibrar a relação entre o preço do grão e das carnes.

A ministra Kátia Abreu (Agricultura, Pecuária e Abastecimento) enviou ao Ministério da Fazenda proposta de isenção de 9,25% do PIS/COFINS sobre a importação de milho. Segundo ela, a medida é necessária devido ao aumento das exportações brasileiras do grão. Por isso, há necessidade de incentivar a importação para abastecer o mercado interno, a fim de não encarecer os custos de produção das carnes suína e de aves, já que o milho é a base na alimentação dos animais.

“O preço de paridade de exportação do milho exerce pressão no preço interno que, aliado à dificuldade do setor produtivo de carne em repassar os acréscimos de custos ao consumidor, recrudescer este cenário”, ressalta a ministra no documento, protocolado ontem (29) no Ministério da Fazenda.

Kátia Abreu salienta que a incidência de PIS/COFINS nas importações onera o custo do grão e tem reflexo na formação de preços regionais. Diante disso, considera importante a isenção desses tributos como forma de melhorar o equilíbrio na rentabilidade das cadeias produtivas de carnes e ovos.

O secretário de Política Agrícola do Mapa, André Nassar, reforça a proposta da ministra. “Apesar de não haver problemas de abastecimento nacional, hoje há excedente de milho apenas no Paraná, na Região Centro-Oeste e em algumas áreas de Minas Gerais”.

---



**ADM anuncia venda de sua usina de etanol no Brasil. Fabiana Batista – Valor Econômico. 31/03/2016.**

A americana Archer Daniels Midland (ADM) anunciou a venda de sua usina de etanol em Limeira do Oeste (MG) para a JFLim Participações. Em nota, o presidente da ADM, Chris Cuddy, afirmou que o negócio de etanol no Brasil não atendia aos objetivos de longo prazo da companhia e ainda, que o ativo é muito pequeno para a ADM competir efetivamente nesse mercado.

Sem mencionar valores, a americana informou na nota que a transação inclui a plantação de cana-de-açúcar e a destilaria de etanol, que tem capacidade para processar 1,5 milhão de toneladas de cana por safra e produzir 140 milhões de litros de etanol por ano. A unidade emprega 650 pessoas.

A companhia vem tentando vender a sua única usina de etanol no Brasil desde 2012, conforme fontes. À época, a empresa contratou o Bank of America Merrill Lynch (BofA) para ser o mandatário da venda do ativo.

A usina foi construída em parceria com o ex-ministro da Agricultura do Brasil, Antônio Cabrera, e integrava um projeto maior de construção de duas outras usinas. Pelo planejamento inicial, desenhado em 2008 pelos sócios, seriam erguidas plantas em Limeira do Oeste (MG) e em Jataí (GO), com capacidade conjunta de moagem de 6 milhões de toneladas de cana por safra. A empreitada demandaria investimentos de US\$ 520 milhões. Uma terceira unidade, em Tarumã (SP), também estava no radar, com aportes calculados em US\$ 290 milhões.

Esse projeto não avançou, na esteira de uma forte crise que afetou nos últimos cinco anos o setor de cana-de-açúcar no Brasil. A paralisação do projeto desagradou Cabrera, então sócio da ADM, que após ter frustrada sua tentativa de vender sua participação no negócio, decidiu mover uma arbitragem na Câmara de Comércio Brasil Canadá (CCBC) contra a ADM, o que só foi se resolver definitivamente no fim do ano passado.

A companhia, uma das maiores companhias de agronegócio do mundo, espera que a transação seja fechada no segundo trimestre deste ano, após a aprovação por órgãos reguladores.

Nos Estados Unidos, a ADM é a maior produtora de etanol de milho. No Brasil, a empresa também opera a maior planta de biodiesel do país.

---

**Kátia propõe isenção de PIS/Cofins para a importação de milho. Cristiano Zaia – Valor Econômico. 31/03/2016.**

No momento em que frigoríficos brasileiros de aves e suínos recorrem à importação de milho para amenizar os impactos da escassez e do preço mais alto do grão no mercado interno, a ministra da Agricultura, Kátia Abreu, propôs ontem ao Ministério da Fazenda que isente as importações de cereal da cobrança dos tributos PIS e Cofins. O intuito é aliviar a situação do setor, que opera com margens negativas.

A ministra argumentou, em nota divulgada ontem, que a medida é necessária em razão do grande volume de exportações recentes do cereal, que acabaram restringindo a oferta de milho no mercado doméstico. Com isso, os frigoríficos - incluindo BRF e JBS - intensificaram nas últimas três semanas os acordos para importar milho da Argentina e do Paraguai. A expectativa é que as importações superem 500 mil toneladas na safra 2015/16, que termina em junho.

"O preço de paridade de exportação do milho exerce pressão no preço interno que, aliado à dificuldade do setor produtivo de carne em repassar os acréscimos de custos ao consumidor, recrudesce este cenário", afirmou a ministra Kátia Abreu, no pedido encaminhado à Fazenda.

No acumulado de 2016, o preço do milho subiu mais de 35% no mercado interno, conforme o indicador Esalq/BM&FBovespa. Já a carne de frango congelada caiu, no mesmo período, 9,6% no atacado paulista, segundo o Cepea. Por sua vez, o valor da carcaça suína recuou 19,2%.

Na proposta apresentada à Fazenda, a ministra argumentou que a incidência de PIS/Cofins sobre o milho importado "onera o custo do grão e tem reflexo na formação de preços regionais". Por isso, defendeu a isenção desses tributos com a intenção de "melhorar o equilíbrio na rentabilidade das cadeias produtivas de carnes e ovos".

Questionada sobre o pedido do ministério, a Receita Federal disse que não iria comentar.

O secretário de política agrícola do ministério, André Nassar, disse ao Valor que a medida não causaria perda de arrecadação tributária significativa, pois os volumes importados

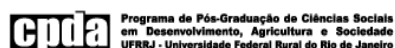
são muito pequenos. "Sugerimos que a isenção seja temporária, por seis meses", acrescentou. Para ele, a proposta aliviaria de imediato as indústrias do Sul.

Entre analistas de mercado, a expectativa é que a oferta doméstica de milho comece a aumentar no próximo mês, com o avanço da colheita da safra de verão. Mas o maior alívio só deve vir no segundo semestre, quando a colheita da safra de inverno, a safrinha, estará concluída. (Colaborou Luiz Henrique Mendes, de São Paulo).

**Coordenador**  
Sergio Leite



**Pesquisadores**  
Ademir A. Cazella, Andrey Cordeiro Ferreira,  
Armando Fornazier, Catia Grisa, Claudia Job Schmitt,  
Fábio Luiz Búrigo, Georges Flexor, Jorge Romano,  
Karina Kato, Lauro Mattei, Leonilde Medeiros,  
Nelson Delgado, Philippe Bonnal, Renato S. Maluf,  
Silvia Zimmermann, Valdemar João Wesz Junior



**Assistentes de Pesquisa**  
José Renato S. Porto

**Secretária**  
Diva de Faria

Endereço: Av. Presidente Vargas, 417 / 8º andar  
Centro Rio de Janeiro - RJ CEP 20071-003

Telefone: 21 2224 8577 - r. 214

Fax: 21 2224 8577 - r. 217

Correio eletrônico: oppa@ufrj.br

Sítio eletrônico: www.ufrj.br/cpda/oppa